

UNIVERSIDAD DE NAVARRA
FACULTAD DE TEOLOGÍA

Pedro BOLÉO TOMÉ

**INCULTURAÇÃO LITÚRGICA SEGUNDO
O MAGISTÉRIO RECENTE**
Alguns princípios teológico-litúrgicos

Extracto de la Tesis Doctoral presentada en la
Facultad de Teología de la Universidad de Navarra

PAMPLONA
2002

Ad normam Statutorum Facultatis Theologiae Universitatis Navarrensis,
perlegimus et adprobavimus

Pampilonae, die 1 mensis iulii anni 2002

Dr. Ioseph Ludovicus GUTIÉRREZ

Dr. Ramirus PELLITERO

Coram tribunali, die 25 mensis iunii anni 2002, hanc
dissertationem ad Lauream Candidatus palam defendit

Secretarius Facultatis
Eduardus FLANDES

Excerpta e Dissertationibus in Sacra Theologia
Vol. XLIII, n. 6

APRESENTAÇÃO

A palavra inculturação marcou presença nos documentos magisteriais ao longo de mais de duas décadas. João Paulo II, diversos dicastérios romanos e grande parte do episcopado mundial abordou de alguma forma este tema. Não estranha que João Paulo II na sua Carta Apostólica *Novo Millennio Ineunte*, coloque este fenómeno entre os rasgos que o cristianismo deste novo milénio deve apresentar:

«O cristianismo do terceiro milénio deve responder cada vez melhor a esta exigência de inculturação. Permanecendo plenamente ele próprio, em total fidelidade ao anúncio evangélico e à tradição eclesial, levará consigo também o rosto de tantas culturas e de tantos povos em que foi acolhido e arraigado»¹.

Encontramo-nos diante de uma exigência que se refere também à liturgia. Na realidade, a liturgia pela sua própria natureza, adquire particular importância dentro deste processo global. Ela é o lugar privilegiado de encontro dos cristãos com Deus e, contribui em máximo grau a que os fiéis expressem na sua vida, e manifestem aos outros, o mistério de Cristo e a natureza autêntica da verdadeira Igreja². É portanto natural que esta receba, com frequência, uma primordial posta em prática e, portanto, um tratamento especial por parte do Magistério.

No entanto, quando o Santo Padre pronuncia estas palavras está a referir-se a algo novo? Ou será que se refere a um fenómeno que se deu ao longo de toda a história da Igreja? Efectivamente, esta exigência parece ser uma característica que desde sempre acompanhou fé cristã e que se depara agora como problema teológico e pastoral.

1. JOÃO PAULO II, Carta Ap. *Novo Millennio Ineunte* (6.I.01), 40, «L'Osservatore Romano» (8.I.01) 5.

2. Cfr SC 2.

Com efeito, a partir da segunda metade do século XX, nasce dentro da Igreja, a consciência de fomentar e impulsionar a inculturação e, com ela surge a necessidade de garantir que se realize em total fidelidade ao evangelho e à tradição eclesial³. O magistério sente então a obrigação de guiar este fenómeno e começam a surgir, pouco a pouco, indicações de diferente índole. Actualmente podemos encontrar abundante material sobre esta matéria, sobretudo sobre a inculturação em geral. Mas, este encontra-se geralmente bastante disperso.

A tese de doutoramento da qual apresentamos aqui um extracto teve por objectivo recolher as indicações magisteriais que dizem respeito à inculturação litúrgica, e apresentar os princípios teológico-litúrgicos que, a partir destas, se podem enunciar.

Nas páginas que apresentamos em seguida procuramos enunciar os princípios teológico-litúrgicos que devem guiar este fenómeno, tendo em conta os ensinamentos do magistério.

Trata-se de uma abordagem desde a liturgia fundamental e uma tentativa de apresentar uma exposição mais sistemática, ou seja, de adentrar-se, embora de forma incipiente, na tarefa confiada pelo magistério à teologia: aprofundar e expor sistematicamente o edifício teológico que diz respeito a este fenómeno que se dá no seio da Igreja.

3. Cfr JOÃO PAULO II, Carta Ap. *Novo Millennio Ineunte* (6.I.01), 40, «L'Osservatore Romano» (8.I.01) 5; Enc. *Redemptoris Missio* (7.XII.90), 54: AAS 83 (1991) 301.

ÍNDICE DA TESE

SIGLAS E ABREVIATURAS	13
INTRODUÇÃO	17

I PARTE TERMINOLOGIA, PROBLEMÁTICA E HISTÓRIA

CAP. I CONCEITO DE INCULTURAÇÃO. TERMOS RELATIVOS

1. INCULTURAÇÃO: CAMINHO PARA UMA DEFINIÇÃO	23
1.1. Inculturação, cultura e culturas	23
1.2. Génese do termo inculturação e sua utilização pelo Magistério .	31
2. <i>APTATIO</i> E <i>ACCOMODATIO</i> NA CONSTITUIÇÃO «SACROSANCTUM CONCLIVM»	36
2.1. <i>Aptatio</i> e <i>accomodatio</i>	41
3. TERMOS AFINS AO DE INCULTURAÇÃO	46
3.1. Enculturação	47
3.2. Aculturação	48
3.3. Indigenização	50
3.4. Contextualização	53
3.5. Adaptação	55
3.6. Encarnação	63
3.7. Transculturação, interculturação e conculturação	65
3.8. Conclusão. Preferência pelo termo inculturação	68
4. CARACTERÍSTICAS DO PROCESSO DE INCULTURAÇÃO	71
4.1. Relação dinâmica entre a Igreja e a sua cultura: processo em aberto	71
4.2. Três momentos do processo de inculturação: tradução, assimi- lação e transformação	72
5. INCULTURAÇÃO LITÚRGICA	74

CAP. II.
INCULTURAÇÃO E TRADIÇÃO

1. A INCULTURAÇÃO NA BÍBLIA	77
1.1. Antigo Testamento	78
1.2. Novo Testamento	81
1.2.1. Encarnação e cultura	82
1.2.2. A Igreja e a cultura judaica	88
1.2.3. Evangelização e cultura pagã	91
2. A INCULTURAÇÃO LITÚRGICA NA HISTÓRIA DA IGREJA: ALGUNS EXEMPLOS HISTÓRICOS	98
2.1. Antiguidade apostólica e o nascimento da liturgia romana ...	98
2.2. Período franco-alemão: de Gregório Magno (590) a Gregório VII (1073)	104
2.3. De Gregório VII (1073) ao Concílio de Trento (1545)	107
2.4. Do Concílio de Trento ao Concílio Vaticano II	110
3. CONCLUSÃO	120

II PARTE
A INCULTURAÇÃO SEGUNDO O MAGISTÉRIO RECENTE

CAP. III
FUNDAMENTOS TEOLÓGICOS

1. ENCARNAÇÃO DE CRISTO: PARADIGMA DE INCULTURAÇÃO	127
1.1. Encarnação de Cristo na sua dimensão eclesiológica	129
1.2. Morte e Ressurreição de Cristo: meta para a qual tende a inculturação	131
1.2.1. Inculturação: eleva, fortalece, aperfeiçoa e purifica a cultura	133
1.3. Evangelização implica levar a fé inculturada numa cultura. Logo, a encarnação do evangelho dá-se mediante um encontro de culturas	136
1.3.1. Encontro entre fé e cultura: duas realidades que não são da mesma ordem	137
1.3.2. Toda a cultura que se abre a Cristo estabelece uma ligação permanente com a história concreta da Encarnação, e portanto, com a cultura na qual se encarnou o Verbo de Deus	141
1.3.3. Critérios de discernimento de valores e contra valores de uma cultura (<i>Fides et Ratio</i> , 72)	142
2. ESPÍRITO SANTO: AGENTE PRIMÁRIO DE INCULTURAÇÃO	144
3. A INCULTURAÇÃO DÁ-SE NO SEIO DA IGREJA: PRINCÍPIOS QUE DEVEM GUIAR A INCULTURAÇÃO	148

3.1. A inculturação tem de ser compatível com a mensagem cristã: fidelidade ao Evangelho e à Tradição	148
3.2. A inculturação deve respeitar a comunhão com a Igreja Universal: unidade e catolicidade	152
3.3. Urgência e gradualidade: processo lento, difícil, profundo e globalizante, que compete a todos os cristãos	158

CAP. IV. INCULTURAÇÃO LITÚRGICA

1. EXIGÊNCIAS PRÉVIAS PARA A INCULTURAÇÃO LITÚRGICA	167
1.1. A inculturação litúrgica deve preservar sempre o verdadeiro e autêntico espírito da liturgia (SC 37)	167
1.1.1. Culto cristão e Sacramentos: a Eucaristia como sua expressão fundamental	170
1.1.2. Inculturação litúrgica e natureza da Igreja	171
1.1.3. Comunhão com a Tradição e com a Igreja universal ..	172
1.1.4. Necessidade de legislação	174
1.1.5. Papel insubstituível da Sagrada Escritura: a tradução da Bíblia, primeiro passo de inculturação	175
2. PRINCÍPIOS GUIA PARA A INCULTURAÇÃO DO RITO ROMANO	177
2.1. Princípios gerais	178
2.1.1. Finalidade da Inculturação litúrgica (SC 21)	179
2.1.2. Unidade substancial do rito romano (SC 38)	183
2.1.3. Autoridade competente (SC 22, 39)	189
2.2. Aquilo que pode ser adaptado	193
2.3. Prudência necessária	200
3. PROCESSO DE INCULTURAÇÃO LITÚRGICA	207
3.1. Adaptações previstas pelos livros litúrgicos	207
3.1.1. Pelas Conferências Episcopais	207
3.1.2. Pelo ministro	214
3.2. Adaptações «mais profundas» (SC 40)	216

III PARTE PRINCÍPIOS TEOLÓGICO-LITÚRGICOS (UMA ABORDAGEM DESDE A LITURGIA FUNDAMENTAL)

INTRODUÇÃO	223
1. Inculturação litúrgica e a sua definição	224
2. A liturgia como mistério, celebração e vida	228

CAP. V
A LITURGIA E O MISTÉRIO CRISTÃO

1. DEUS PAI CRIADOR, FONTE DE TODA A LITÚRGICA	236
1.1. A Criação como fundamento de toda a cultura e a liturgia como resposta cultural à chamada do Pai	236
1.2. O pecado original: a cultura não é uma realidade neutra	243
1.3. A antecipação da «espera ansiosa da criação»	245
2. A ENCARNAÇÃO DO VERBO, LUZ QUE ORIENTA A INCULTURAÇÃO LI- TÚRGICA	248
2.1. A presença de Cristo na liturgia	248
2.2. As diversas formas de reflectir o «Mistério» nas diferentes tra- dições litúrgicas	253
2.3. Partir do mistério da Encarnação para compreender o pro- cesso de inculturação litúrgica	255
2.4. Posta em prática da inculturação litúrgica: à luz do Mistério Pascal	261
2.4.1. Morte e Ressureição: chamada à unidade	262
2.4.2. Unidade, não uniformidade litúrgica	264
2.4.3. Redenção e purificação das culturas	265
3. ACÇÃO DO ESPÍRITO SANTO NA LITÚRGICA E O SEU PAPEL PRIMOR- DIAL NA INCULTURAÇÃO	267
3.1. Presença do Espírito Santo nas culturas e na liturgia	268
3.2. O Espírito Santo na celebração litúrgica	270
3.3. Salvaguarda da Tradição litúrgica	280
3.4. Discernimento das realidades a introduzir na celebração e princípio do progresso gradual	282
4. A IGREJA, LUGAR DO EQUILÍBRIO ENTRE A FIDELIDADE À FE E A FIDE- LIDADE À CULTURA	284
4.1. Prolongação do Mistério de Cristo ao longo da história por intermédio da Igreja	287
4.2. A vida da Igreja como tradição em acto: lugar de discernimento para salvaguardar o essencial	289
4.3. Missão da Igreja e inculturação litúrgica	291
4.4. O equilíbrio da Tradição: abertura à inovação (rejeitando o passageiro e efémero) e fidelidade ao essencial da fé	293

CAP. VI
A LITURGIA COMO CELEBRAÇÃO E VIDA

1. LITURGIA COMO CELEBRAÇÃO	295
1.1. Celebração, culto e liturgia	295
1.2. Anamnese, epiclese e doxologia permanentes. Significar os acontecimentos realizados na celebração	303

1.3. A celebração como realização espacial e temporal da única liturgia celeste	308
1.4. O centro da liturgia e manifestação do Mistério	309
1.4.1. Manifestação multiforme do Mistério	311
1.5. Mistério celebrado: luz que guia a inculturação litúrgica	313
1.5.1. Olhar primariamente para aquilo que se celebra	313
1.5.2. Significar aquilo que se celebra	317
2. A LITÚRGICA COMO VIDA	324
2.1. Participação litúrgica	327
2.1.1. A relação pluripessoal entre a Santíssima Trindade e o fiel cristão	330
2.1.2. Celebrar de um modo mais autêntico para viver aquilo que se celebra e poder assim celebrar aquilo que se vive	332
2.1.3. A configuração com Cristo, lugar da inculturação profunda	333
2.2. Participação litúrgica, inculturação e vida cristã	339
CONCLUSÕES	345
BIBLIOGRAFIA	357

BIBLIOGRAFIA DA TESE

I. FONTES

Documentos Conciliares

- CONCILIO VATICANO II, Const. *Sacrosanctum Concilium* (4.XII.63): AAS 56 (1964) 97-138.
- Const. dogmática *Lumen Gentium* (21.XI.64): AAS 57 (1965) 5-71.
 - Decr. *Unitatis Redintegratio* (21.XI.64): AAS 57 (1965) 90-107.
 - Decr. *Orientalium Ecclesiarum* (21.XI.64): AAS 57 (1965) 76-89.
 - Const. pastoral *Gaudium et Spes* (7.XII.65): AAS 58 (1966) 1025-1120.
 - Decr. *Ad Gentes* (7.XII.65): AAS 58 (1966) 947-990.
 - Decr. *Christus Dominus* (28.XII.65): AAS 58 (1966) 673-701.

Livros Litúrgicos

- *Calendarium Romanum* (14.II.69), Typis Polyglottis Vaticanis 1969.
- *De Sacra Communione et de Cultu Mysteriorum Eucharistici Extra Missam* (21.VI.73), Typis Polyglottis Vaticanis 1973.
- *Liturgia Horarum, editio typica altera* (7.IV.85), Typis Polyglottis Vaticanis 1986.
- *Missale Romanum, editio typica altera* (27.III.75), Typis Polyglottis Vaticanis 1975.
- *Missale Romanum, editio typica tertia* (11.I.00), *Institutio Generalis*, Typis Polyglottis Vaticanis 2000.
- *Missale Romanum. Lectorarium* (30.IX.70), Typis Polyglottis Vaticanis 1970.
- *Pontificale Romanum. Ordo Confirmationis* (22.VIII.71), Typis Polyglottis Vaticanis 1973.
- *Rituale Romanum. De Ordinatione Diaconi, Presbyteri et Episcopi, editio typica* (15.VIII.68), Typis Polyglottis Vaticanis 1968.

- *Rituale Romanum. Ordo Celebrandi Matrimonium, editio typica altera* (19.III.90), Typis Polyglottis Vaticanis 1991.
- *Rituale Romanum. Ordo Baptismi Parvulorum, editio typica altera* (29.VIII.73), Typis Polyglottis Vaticanis 1986.
- *Rituale Romanum. Ordo Exsequiarum* (5.VIII.69), Typis Polyglottis Vaticanis 1969.
- *Rituale Romanum. Ordo Initiationis Christianae Adultorum* (6.I.72), Typis Polyglottis Vaticanis 1972.
- *Rituale Romanum. Ordo Unctionis Infirmorum Eorumque Pastoralis Cura* (7.XII.72), Typis Polyglottis Vaticanis 1972.
- *Rituale Romanum. De Institutione Lectorum et Acolitorum* (3.XII.72).
- *Rituale Romanum. Ordo Poenitentiae* (2.XII.73), Typis Polyglottis Vaticanis 1974.
- *Rituale Romanum. De Benedictionibus* (31.V.84), Typis Polyglottis Vaticanis 1984.

Documentos pontifícios

Magistério de Paulo VI

- *Discurso ao Simposio dos Bispos africanos (Kampala)* (31.VII.69), «Insegnamenti» 7 (1969) 526-531.
- *Carta ao Cardeal Zungrana* (23.XII.74): DC 72 (1975) 153-154.
- *Discurso ao Congresso Internacional de Missiologia* (11.X.75): DC 72 (1975) 909-910.
- *Discurso ao Simpósio das Conferências Episcopais de África e Madagascar* (26.IX.75): DC 72 (1975) 853-854.
- Exort. Ap. *Evangelii Nuntiandi* (8.XII.75): AAS 68 (1976) 1-76.
- *Discurso aos Bispos de África* (28.X.77): DC 74 (1977) 951-952.

Magistério de João Paulo II

- *Discurso à Pontifícia Comissão Bíblica* (26.IV.79): DC 76 (1979) 454-456.
- Enc. *Catechesi Tradendae* (16.X.79): AAS 71 (1979) 1277-1340.
- Carta Ap. *Dominicae cenae* (24.II.80), 12: AAS 72 (1980) 143.
- *Encontro com os Bispos do Zaire em Kinshasa* (3.V.80): DC 77 (1980) 504-507.
- *Discurso aos bispos do Kenya* (7.V.80): AAS 72 (1980) 496-501.
- *Homilia da Missa em Salvador da Bahia* (7.VII.80), «Insegnamenti» 3 (1980) 173-175.
- *Discurso na UNESCO* (8.XII.80), «Insegnamenti» 3 (1980) 1628-1639.
- *Discurso à comunidade chinesa de Filipinas* (18.II.81): DC 78 (1981) 268-270.
- *Discurso aos bispos de Nigéria* (15.II.82): DC 79 (1982) 247-250.

- *Carta pela qual se institui o Conselho Pontifício para a Cultura* (20.V.82): AAS 74 (1982) 683-688.
- *Discurso aos bispos de Madagascar* (21.V.82): DC 79 (1982) 611-613.
- *Discurso aos bispos de Moçambique em visita «ad limina»* (24.IX.82): DC 79 (1982) 916-918.
- *Discurso ao Conselho Pontifício para a Cultura* (18.I.83): AAS 75 (1983) 384-389.
- *Discurso ao Congresso Internacional sobre M. Ricci* (25.X.83): DC 80 (1983) 17-19.
- *Discurso aos intelectuais e artistas de Coreia* (5.V.84): DC 81 (1984) 611-613.
- *Discurso de inauguração do Instituto Católico de África Oriental em Nairobi* (18.VIII.85): DC 82 (1985) 933-936.
- *Enc. Slavorum Apostoli* (2.VI.85): AAS 77 (1985) 779-813.
- *Discurso à Conferência Episcopal da Índia* (31.I.86): DC 83 (1986) 285-288.
- *Enc. Dominum et vivificantem* (18.V.86), 50: AAS 78 (1986) 871.
- *Discurso ao Conselho pontifício para a Cultura* (17.I.87): AAS 79 (1987) 1204-1205.
- *Carta Ap. Vicesimus Quintus Annus* (4.XII.88): AAS 81 (1989) 897-918.
- *Discurso aos bispos da Região Sul-1 de Brasil, em visita «ad limina»* (20.III.90), «Palabra» (1990) 78s.
- *Enc. Redemptoris Missio* (7.XII.90): AAS 83 (1991) 249-340.
- *Discurso aos bispos da Região Nordeste-3 de Brasil, em visita «ad limina»* (29.IX.95), «Insegnamenti» 18, 2 (1995) 659-670.
- *Exort. Ap. Ecclesia in Africa* (14.IX.95): AAS 88 (1996) 5-76.
- *Discurso em Yaoundé na primeira celebração do Sínodo Africano* (15.IX.95): DC 92 (1995) 929-931.
- *Discurso à Congregação para o Culto Divino e Disciplina dos Sacramentos* (3.V.96), «Palabra» (1996) 109.
- *Discurso ao 3º grupo de bispos de Estados Unidos em visita «ad limina»* (17.III.98), «Culturas y fe» 6 (1998) 164.
- *Discurso ao 11º grupo de bispos de Estados Unidos em visita «ad limina»* (9.X.98), «Palabra» (1998) 215.
- *Exort. Ap. Ecclesia in America* (22.I.99): AAS 91 (1999) 737-815.
- *Exort. Ap. Ecclesia in Asia* (6.XI.99): AAS 92 (2000) 449-528.
- *Enc. Fides et Ratio* (14.IX.98): AAS 91 (1999) 1-88.
- *Carta Ap. Novo Millennio Ineunte* (6.I.01), «L'Osservatore Romano» (8.I.01) 2-12.
- *Exort. Ap. Ecclesia in Oceania* (22.IX.01): DC 48 (2001) 1072-1105.

Outros documentos

- *Codex Iuris Canonici*, can. 447, 448 e seg.; 762-772; 838§ 1 e 3; 841; 899§ 2; 1216; 1235-1239.

- Catecismo Da Igreja Católica, 1093-1096, 1115, 1124-1125, 1140, 1145-1146, 1149, 1158, 1163, 1200-1206, 1674-1676, 2585-2589, 2596-2597.
- Sagrada Congregação Para A Doutrina Da Fé, *Inter insigniores* (15.X.76): AAS 69 (1977) 107-108.
- Sagrada Congregação Para O Culto Divino, Instrução *Calendaria Particularia* (24.VI.70): AAS 62 (1970) 651-663.
- Congregação Para O Culto Divino E A Disciplina Dos Sacramentos, Instrução *Varietates Legitimae* (25.I.94): AAS 87 (1995) 288-314.
- Congregação Para O Culto Divino E A Disciplina Dos Sacramentos, Instrução *Liturgiam authenticam* (28.III.01), «Ephemerides liturgicae» 115 (2001) 259-293.
- Secretariado Para Os Não Cristãos, *Carta sobre «A pastoral e a religião tradicional africana»* (24.IV.88): DC 85 (1988) 566s.
- Pontifício Conselho Para A Cultura, *Carta sobre a pastoral da cultura* (23.V.99): DC 98 (1999) 606-627.
- Comisión Teológica Internacional, *Temas selectos de eclesiología* (1984), em «Comisión Teológica Internacional: Documentos (1969-1996)», C. POZO (ed.), Madrid 1998, pp. 327-375.
- Comisión Teológica Internacional, *La fe y la inculturación* (1987), em «Comisión Teológica Internacional: Documentos (1969-1996)», C. POZO (ed.), Madrid 1998, pp. 393-416.

II. ESTUDOS E MONOGRAFIAS

- ALBERICH, E., *L'inculturazione nella catechesi*, «Studia Missionalia» 44 (1995) 169-182.
- ALBERIGO, G., *Dalla uniformità di liturgica del Concilio di Trento al pluralismo del Vaticano II*, «Rivista liturgica» 69 (1982) 604-619.
- ARBUCKLE, G., *Inculturation not Adaptation, Time to Change Terminology*, «Worship» 60 (1986) 511-520.
- AMALADOSS, M., *Ermeneutica antropologico-culturale dell'adattamento*, em «Liturgia e adattamento», A. PISTOIA-A. TRIACCA (ed.), Roma 1990, pp. 25-38.
- AMALORPAVADASS, D., *Theological Reflections on Inculturation*, «Studia Liturgica» 20 (1990) 36-54; 116-136.
- ANTHONY, F., *Ecclesial Praxis of Inculturation: Toward an Empirical-Theological Theory of Inculturizing Praxis*, Roma 1997.
- BIFFI, I., *Liturgia: riflessioni teologiche e pastorali*, I, Roma 1982.
- BRAGA, C., *Un problema fundamental de pastoral litúrgica*, «Medellín» 1 (1975) 51-82.
- BRAMBILLA, F., *Ermeneutica teologica dell'adattamento liturgico*, em «Liturgia e adattamento», A. PISTOIA-A. TRIACCA (ed.), Roma 1990, pp. 39-83.

- BUGNINI, A., *La riforma liturgica (1948-1975)*, Roma 1997.
- CARRIER, S., *Lexique de la culture pour l'analyse culturelle et l'inculturation*, Tournai 1992.
- *Evangelizing the culture of modernity*, New York 1993.
- CATTANEO, E., *Il culto cristiano in occidente*, Roma 1984.
- CHUPUNGO, A., *A Historical Survey of Liturgical Adaptation*, «Notitiae» 17 (1981) 28-43.
- *L'adattamento*, em *Nuovo Dizionario di Liturgia*, D. SARTORE-A. TRIACCA (ed.), Roma 1984, pp. 1-15.
- *Liturgie del futuro*, Genova 1991.
- *Liturgical Inculturation: Sacramentals, Religiosity, and Catechesis*, Colleville 1992.
- *Inculturazione e liturgia: i termini del problema*, «Rivista Liturgica» 82 (1995) 369-385.
- *Liturgia e inculturazione*, em *Scienza liturgica*, II, A. CHUPUNGO (ed.), Casale Monferrato 1998.
- CORBON, J., *Liturgia alla sorgente*, Roma 1983.
- COSTA, R., *One Faith, Many Cultures: Inculturation, Indegenization and Contextualization*, New York 1988.
- DESEILLE, P., *L'inculturation du christianisme en occident*, em *Liturgie et cultures*, A. TRIACCA-A. PISTOIA (ed.), Roma 1997, pp. 69-80.
- DHAVAMONY, M., *Christian Theology of Inculturation*, Roma 1997.
- EVENOU, J., *La IV Istruzione per la corretta applicazione conciliare sulla Liturgia (nn. 36-40)*, «Rivista Liturgica» 82 (1995) 386-401.
- FALSINI, R., *Unità sostanziale del Rito romano e adattamento*, em *Liturgia e adattamento*, A. PISTOIA-A. TRIACCA (ed.), Roma 1990, pp. 155-168.
- GIGLIONI, P., *Inculturazione. Teoria e prassi*, Città del Vaticano 1999.
- GONZÁLEZ, R., *Adaptación, inculturación, creatividad. Planteamiento, problemáticas y perspectivas de profundización*, «Phase» 27 (1987) 129-158.
- ILLANES, J., «*La inculturación de la fe como problema teológico*», em *Dos mil años de evangelización*, E. DE LA LAMA (ed.), Pamplona 2001, pp. 401-412.
- JOHNSON, C.V., *The Children's Eucharistic Prayers: A Model of Liturgical Inculturation*, «Worship» 75 (2001) 207-227.
- JOUNEL, P., *Une étape majeure sur le chemin de l'inculturation liturgique*, «Notitiae» 30 (1994) 260-277.
- KLAUSER, T., *Breve historia de la liturgia occidental*, Barcelona 1968.
- LEBRUN, D., *L'adaptation en liturgie du second Concile du Vatican au rituel de Paul II*, «La Maison-Dieu» 183/184 (1990) 23-59.
- LÓPEZ, J., *En el Espíritu y la verdad*, I, Salamanca 1987.
- *En el Espíritu y la verdad*, II, Salamanca 1994.
- *Liturgia*, em *El Dios cristiano. Diccionario Teológico*, X. PIKAZA-N. SILANES (ed.), Salamanca 1992, pp. 813-829.
- *La liturgia de la Iglesia*, Madrid 1994.

- MARSILI, S., *Liturgia*, em *Nuevo Diccionario de Liturgia*, D. SARTORE-A. TRIACCA (ed.), Madrid 1987, pp. 1144-1163.
- *La liturgia, momento storico della salvezza*, em «Anàmnesis», I. SCICOLONE (ed.), Genova 1991, pp. 32-157.
- MIRANDA, M.F., *A fundamentação teológica da inculturação da fé*, «Perspectiva Teológica» 32 (2000) 25-39.
- PASINYA, M., *Inculturation du message a l'exemple du Zaire*, Kinshasa 1979.
- NEUNHEUSER, B., *Storia della liturgia attraverso le epoche culturali*, Tivoli 1988.
- NOCENT, A., *Dall'improvvisazione alla fissazione delle formule e dei riti*, «Anámnesis» 2 (1978) 131-135.
- *Liturgia sempre reformanda*, Magnano 1993.
- PISTOIA, A., *Creatività*, em *Nuovo Dizionario di Liturgia*, D. SARTORE-A. TRIACCA (ed.), Roma 1984, pp. 314-332.
- PISTOIA, A.-TRACCA, A., *Liturgia e adattamento. Dimensioni culturali e teologico-pastorali*, Roma 1990.
- POUPARD, P., *Culture et inculturation: essai de définition*, «Seminarium» 32 (1992) 14-34.
- PUTHANANGADY, P., *Inculturation de la liturgie en Inde depuis Vatican II*, «Concilium» 182 (1983) 115-124.
- RATZINGER, J., *Exposé à la rencontre des conférences épiscopales d'Asie (1993)*: DC 92 (1995) 698-708.
- *La fe cristiana ante el desafio de las culturas*, «Ecclesia» 7 (1993) 369-386.
- *Le Christ, la foi et le défi des cultures*: DC 2120 (1995) 698-708.
- *La sal de la Tierra*, Madrid 1997.
- *Introduzione allo spirito della liturgia*, Torino 2001.
- ROEST CROLLIUS, A., *What is so new about Inculturation?*, «Gregorianum» 63 (1978) 721-738.
- ROCHA, P., *Liturgia e inculturazione*, «Studia Missionalia» 44 (1995) 149-168.
- SALGUEIRO, J., *Evangelizzazione paolina e cultura greca*, em *Evangelizzazione e culture II. Atti del Congresso Internazionale Scientifico di Missiologia*, Roma 1976.
- SARPONG, P., *Inculturation*, «Studia Missionalia» 44 (1995) 287-304.
- SHORTER, A., *Toward a Theology of Inculturation*, London 1988.
- SODI, M., *Celebración*, em *Nuevo Diccionario de Liturgia*, D. SARTORE-A. TRIACCA (ed.), Madrid 1987, pp. 333-353.
- *Culto*, em *Nuevo Diccionario de Liturgia*, D. SARTORE-A. TRIACCA (ed.), Madrid 1987, pp. 501-511.
- TRACCA, A., *Adattamento liturgico*, «Notitiae» 15 (1979) 26-45.
- *Liturgia e tradizione*, em *Dizionario patristico e di antichità cristiane*, II, A. BERNARDINO (ed.), Casale Monferrato 1983, pp. 1980s.
- *Adattamento: dalla «Sacrosanctum Concilium» agli altri documenti del Vaticano II*: «Rivista Liturgica» 72 (1985) 189-208.

-
- *Participación*, em *Nuevo Diccionario de Liturgia*, D. SARTORE-A. TRIACA (ed.), Madrid 1987, pp. 1546-1573.
- *Sviluppo-Evoluzione-Adattamento-Inculturazione?*, em *L'adattamento culturale della liturgia*, I. SCICOLONE (ed.), Roma 1993, pp. 61-116.
- *Principi-fondamenti teologico-liturgici emergenti dalla «IV Istruzione»*, «Rivista Liturgica» 82 (1995) 402-420.
- *Inculturazione e liturgia*, «Notitiae» 31 (1995) 161-181.
- *Inculturation et liturgie: événements de l'Esprit Saint*, em *Liturgie et cultures*, A. TRIACA-A. PISTOIA (ed.), Paris 1997, pp. 195-220.
- VALENZIANO, C., *Liturgia e antropologia*, Bologna 1997.
- VANHOYE, A., *Nuovo Testamento e inculturazione*, «La Civiltà Cattolica» 3224 (1984) 119-136.
- VOGEL, C., *Introduction aux sources de l'histoire du culte chrétien au moyen âge*, Spoleto 1966.

A LITURGIA E O MISTÉRIO CRISTÃO

A liturgia, na história da salvação, é sempre dom divino à Igreja e obra da Santíssima Trindade na existência dos homens. Tendo em conta o culto religioso como expressão do desejo do homem de acercar-se de Deus, a liturgia cristã forma parte da automanifestação do Pai e do seu amor infinito para com o homem, por Jesus Cristo no Espírito Santo. A dimensão trinitária da liturgia constitui o princípio teológico fundamental da sua natureza, e a primeira lei de toda a celebração¹.

A liturgia é, com palavras do Catecismo da Igreja Católica, obra da Santíssima Trindade². Procuraremos, pois, analisar o nosso tema a partir de cada uma das pessoas divinas, tal como estas intervêm na liturgia.

1. DEUS PAI CRIADOR, FONTE DE TODA A LITURGIA

1.1. A Criação como fundamento de toda a cultura e a liturgia como resposta cultural à chamada do Pai

«Acreditamos que Deus criou o mundo segundo a sua sabedoria³ (...) que ele procede da vontade livre de Deus, que quis fazer as criaturas participantes do seu Ser, da sua sabedoria e da sua bondade (...)»⁴.

A criação é fruto exclusivo do amor e bondade infinitas de Deus⁵. Mas essa manifestação de amor tem por objectivo fazer de nós «filhos adoptivos por meio de Jesus Cristo, segundo o beneplácito da sua vontade»⁶. Deus manifesta-se, dá-se na sua obra criadora, mas também espera. A criação é puro dom, mas um dom à espera de acolhimento⁷. E o homem é o ser criado para ser o protagonista desse acolhimento⁸. Foi criado à imagem e semelhança de Deus porque:

«só ele é chamado a partilhar, pelo conhecimento e pelo amor, a vida de Deus. Com este fim foi criado, e tal é a razão fundamental da sua dignidade»⁹.

A criação é, neste sentido, uma chamada. O homem é criado para ser capaz de conhecer e amar o seu Criador¹⁰. É chamado, pela graça, a uma aliança com o seu Criador, a oferecer-lhe uma resposta de fé e de amor que nenhum outro pode dar em seu lugar¹¹. Por isso, podemos afirmar que existe criação para que exista um lugar para a aliança que Deus quer estabelecer com o homem. Este é o objectivo da criação, a história de amor entre o homem e Deus¹². Agora, aliança implica relação: é um dar-se de Deus ao homem, mas também um responder por parte do homem a Ele¹³. Para essa resposta Deus criou todo o universo, para que o homem o possa oferecer ao seu criador¹⁴. Por isso,

«Deus fala ao homem através da criação visível. O cosmos material apresenta-se à inteligência do homem para que leia nele os traços do seu Criador¹⁵. A luz e a noite, o vento e o fogo, a água e a terra, a árvore e os frutos, tudo fala de Deus e simboliza, ao mesmo tempo, a sua grandeza e a sua proximidade»¹⁶.

Se os elementos falam de Deus, o homem utiliza-os para falar com Deus. A resposta do homem parte, necessariamente, da criação¹⁷. Este necessita de recorrer àquilo que é e possui, à sua envolvente, à sua forma de ver e de entender as coisas que o rodeiam. Ele irá ao encontro do seu Criador servindo-se da sua vida, do seu trabalho, da sua forma de pensar, sentir e crer, das outras criaturas, dos seus actos de culto. Concretamente, esta relação com Deus é realizada através de símbolos e de sinais. Porque,

«(...) Na vida humana, sinais e símbolos ocupam um lugar importante. O homem, sendo ao mesmo tempo corporal e espiritual, expressa e percebe as realidades espirituais através de sinais e símbolos materiais. Como ser social, o homem necessita de sinais e símbolos para se comunicar com os outros, mediante a linguagem, gestos e acções. O mesmo sucede na sua relação com Deus»¹⁸.

Se os elementos da criação são veículo de comunicação entre Deus e os homens, o mesmo acontece com os sinais e símbolos da vida social dos homens:

«Lavar e ungir, partir o pão e partilhar o cálice podem expressar a presença santificante de Deus e a gratidão do homem para com o criador»¹⁹.

Vista a criação como chamada de Deus Pai e como substrato e suporte para uma resposta do homem, compreende-se que este necessita de responder de acordo com a sua própria personalidade, segundo aquilo que realmente é, com a sua idiosincrasia própria, e recorrendo aos elementos da criação que compõem a envolvente em que vive. Isto é, mediante a sua forma cultural própria²⁰. Por isso, o movimento da criatura em direcção ao seu Criador através da celebração litúrgica deve corresponder, como recordou o Concílio, ao génio e cultura dos diferentes povos²¹. Porque, se a cultura é veículo natural de comunicação com o Pai, ela também está presente na celebração litúrgica da Igreja. Assim, a multidão dos filhos de Deus, mediante a sua cultura própria, assumida e transfigurada por Cristo, tem acesso ao Pai, para glorificá-lo num só Espírito²².

Esta resposta, se é cultural por natureza, na Igreja, com Cristo e pela potência do Espírito Santo, ela é litúrgica²³. É, portanto, na liturgia que se tem de manifestar a cultura de cada cristão. Existe, assim, uma exigência própria da liturgia: ser cultura. Este é um fundamento, uma exigência prévia²⁴. E se a liturgia é intrinsecamente cultural e é o canal de diálogo do homem com Deus, ela deve estar, necessariamente, inculturada.

Esta necessidade dá-se na liturgia em virtude das suas duas dimensões²⁵. Isto é, tanto no movimento de Deus para com o homem, como naquela resposta do homem ao seu Deus que acabamos de mencionar. Efectivamente, a liturgia não é só adoração, louvor e acção de graças ao Pai. Ela é, primariamente, o movimento de Deus para com o homem: Deus que derrama as suas bênçãos em virtude da acção do seu Filho e pelo poder do Espírito Santo. Movimento que se dá através da história da salvação. Iniciando-se com a criação, prosseguindo com a sua revelação no Antigo Testamento (revelação gradual mediante obras e palavras)²⁶, e culminando com o evento de Cristo. Com a característica de que esta saída de Deus ao encontro do homem se realiza através da cultura humana. Algo idêntico sucede na liturgia: Deus dá-se aos homens utilizando aquilo que lhes é próprio. Por isso,

«Uma celebração litúrgica está tecida de sinais e de símbolos. Segundo a pedagogia divina da salvação, o seu significado tem a sua raiz na obra da criação e na cultura humana, perfila-se nos acontecimentos da Antiga Aliança e revela-se em plenitude na pessoa e obra de Cristo»²⁷.

A liturgia é pois, obra humana mas, primariamente, obra divina. Uma vez que na liturgia da Igreja é Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, único Sacerdote, quem actua, a obra humana que se

realiza dá-se em toda a sua perfeição. A resposta do homem, através de Cristo, dá-se em plenitude e o Pai recebe um culto de adoração e louvor perfeito. Neste sentido refere o Papa João Paulo II:

«Na Eucaristia, Cristo devolve ao Pai tudo o que dele provém. Realiza-se assim um profundo mistério de justiça da criatura para com o Criador. É preciso que o homem honre o Criador oferecendo em acção de graças e louvor, tudo o que de Ele recebeu»²⁸.

Se mantemos o olhar na Eucaristia, como paradigma da celebração litúrgica, observamos como ela é primária e essencialmente obra divina e que nela actua Jesus Cristo. Actuação singular: como perfeito mediador de toda a humanidade e representante supremo da criação. Desta forma, podemos intuir aí, nessa obra realizada por Cristo, a presença de toda a criação, com todos os seus seres e todo o género humano (com todas as suas raças, povos e culturas). Cristo reúne em si toda a humanidade para dar ao Pai um culto de adoração e de acção de graças perfeito. Neste sentido, em toda a celebração litúrgica e, particularmente, na Eucaristia estarão presentes, de alguma forma, todas as culturas²⁹. Em Cristo estão presentes todos os homens com todas as suas formas culturais próprias.

Com isto não queremos diminuir a importância da dimensão antropológica e cultural da liturgia, nem negar a necessidade de inculturação litúrgica, mas sim, dar-lhe o seu correcto enquadramento.

1.2. O pecado original: a cultura não é uma realidade neutra

A liturgia, enquanto acção do «Cristo total» (*Christus totus*)³⁰, reúne em si e põe em acto todas as culturas numa oração de adoração, louvor e acção de graças a Deus Pai. Por outro lado, enquanto celebração realizada pela Igreja, ela é profundamente cultural e deve estar necessariamente inculturada. No entanto, ela não se identifica com a cultura, nem se reduz a ela. Nem todos os elementos culturais são introduzidos no âmbito litúrgico e, no caso de que o sejam, normalmente, a sua aceitação e inserção implica uma purificação.

A cultura, efectivamente, não é uma realidade neutra. Isto deve-se à sua íntima relação com o pecado do homem. Na realidade, ela é fruto do obrar e da acção humana, e todos os homens estão implicados no pecado de Adão. Porque, «pela desobediência de um só homem, todos foram constituídos pecadores»³¹. Só assim se entende a imensa miséria que oprime os homens e a sua inclinação ao mal: pela existência do pe-

cado. Existência esta que afecta não só o homem individualmente, mas também, de alguma forma, as suas formas comunitárias, as sociedades humanas, o produto do seu actuar, e também, a sua cultura³².

Por isso, a Igreja fala de purificação dos elementos culturais quando fala da inculturação:

«Tal como o Verbo de Deus Se tornou semelhante a nós em tudo, excepto no pecado, assim a inculturação da Boa Nova assume todos os valores humanos autênticos, purificando-os do pecado e restituindo-os ao seu significado pleno»³³. «O processo de inculturação envolve Evangelho e cultura num diálogo, que inclui a identificação do que é de Cristo e do que não o é»³⁴.

Desta forma, a liturgia ao integrar elementos da criação e da cultura humana santifica-os e confere-lhes a dignidade de sinais da graça, da criação nova em Jesus Cristo³⁵.

1.3. A antecipação da «espera ansiosa da criação»

Dissemos que o pecado original afecta toda a humanidade, não só individualmente mas também socialmente e culturalmente. No entanto, as suas consequências não se reduzem à humanidade. Afectam toda a criação³⁶. Ela também se encontra sob a escravidão do pecado. Por isso, a Sagrada Escritura fala de uma:

«(...) espera ansiosa da criação» e da «esperança de que também ela será libertada da escravidão da corrupção para participar da liberdade da gloria dos filhos de Deus. Porque sabemos que todas as criaturas gemem e estão como que com dores de parto até ao presente»³⁷.

Assim pois, o universo visível também está destinado a ser transformado, a fim de que, uma vez restaurado segundo o seu estado primitivo, já sem nenhum obstáculo, esteja ao serviço dos justos, participando na sua glorificação em Jesus Cristo ressuscitado³⁸.

Por isso, se antes falávamos que o homem enquanto acolhimento da chamada do Pai utiliza, entre outras coisas, os elementos da criação que o envolvem para a sua resposta³⁹, é necessário enquadrar esses elementos como pertencentes a uma criação ferida e ansiosa de glorificação⁴⁰. Neste contexto, se entende de novo a purificação e elevação dos ditos elementos uma vez inseridos na celebração litúrgica⁴¹.

Desta forma, na medida em que a liturgia, através da celebração sacramental, é prémio e antecipação da vida futura, podemos falar de

que, mediante a inserção desses elementos da criação na liturgia da Igreja, se dá, de alguma forma, a antecipação e pré-participação, por parte da criação, dessa espera tão ansiada. Porque a criação está chamada a participar, também ela, da liturgia celestial⁴².

Por isso, afirma o Catecismo da Igreja Católica, referindo-se à celebração sacramental do Mistério Pascal:

«Os sacramentos da Igreja não anulam, mas purificam e integram toda a riqueza dos sinais e dos símbolos do cosmos e da vida social. (...) significam e realizam a salvação efectuada por Cristo, e prefiguram e antecipam a glória do céu»⁴³.

A inserção de elementos da criação e da cultura humana nessa antecipação e prenda da glória celeste permite pensar que, de alguma forma, a celebração litúrgica do Mistério de Cristo não só representa e realiza, para a humanidade, a participação na liturgia celeste e eterna, mas também para toda a criação. Representa uma antecipação do conteúdo dessa «espera ansiosa» da criação⁴⁴.

Desta forma, podemos aventurar-nos a identificar, de alguma forma, a inserção da cultura, mediante a celebração litúrgica, na liturgia celeste. Tanto pela participação na mesma de homens de todas as nações, raças, povos e línguas⁴⁵, como pela presença de elementos da criação utilizados como canais de comunicação entre Deus e os homens⁴⁶.

A modo de conclusão destacamos que a liturgia, para além da sua dimensão antropológica (o homem criado à imagem de Deus e restabelecido na sua dignidade por Jesus Cristo), possui uma dimensão cósmica: os céus e a terra e todas as criaturas estão orientadas para reconhecer a absoluta soberania do Pai e o seu infinito amor ao homem e a toda a criação⁴⁷.

Podemos portanto salientar a existência de um enquadramento criacional que nos permite abordar a razão de ser da inculturação litúrgica e algumas das suas exigências e implicações⁴⁸.

2. A ENCARNAÇÃO DO VERBO, LUZ QUE ORIENTA A INCULTURAÇÃO LITÚRGICA

2.1. A presença de Cristo na liturgia

A manifestação divina trinitária na liturgia alcança o seu auge na referência à obra de Jesus Cristo, Filho unigénito do Pai. O símbolo da

fé, a oração eucarística e as grandes fórmulas eucológicas desenvolvem um profundo conteúdo teológico, isto é, a presença entre os homens de Cristo, revelador do Pai e dador do Espírito que nos faz filhos de Deus. A oração litúrgica expressa, portanto, a centralidade do mistério de Cristo na liturgia, e torna presente toda a sua obra redentora⁴⁹.

Mas, para além desta referência a Cristo e à sua obra na liturgia, encontramos-lo presente de novo entre os homens. Porque,

«Cristo está sempre presente na sua Igreja, principalmente nas acções litúrgicas. Está presente no sacrifício da Missa, quer na pessoa do ministro —“o que se oferece agora pelo ministério sacerdotal é o mesmo que se ofereceu outrora na cruz”— quer e sobretudo sob as espécies eucarísticas. Está presente com a sua virtude nos sacramentos, de modo que, quando alguém baptiza é o próprio Cristo que baptiza. Está presente na sua Palavra, pois é Ele que fala ao ser lida na Igreja a Sagrada Escritura. Está presente, enfim, quando a Igreja reza e canta salmos (...)»⁵⁰.

A presença de Cristo na liturgia é uma presença dinâmica e eficaz, que faz dos actos litúrgicos acontecimentos de salvação⁵¹. Os modos e graus de presença do Senhor na liturgia confirmam que esta é, em primeiro lugar, acção de Cristo, o qual associa no exercício do sacerdócio todos os fieis em virtude do baptismo. Mediante esta associação, estes participam naquela liturgia celestial que se celebra na cidade santa, onde está Cristo sentado à direita do Pai, como ministro do seu santuário e do tabernáculo verdadeiro⁵². Este ministro é o Filho de Deus «nascido de mulher, nascido sob a lei»⁵³. Aquele que se ligou às condições sociais e culturais dos homens com os quais viveu e rezou⁵⁴. O mesmo que, fazendo-se homem, assumiu um povo e uma época, e que, em virtude da comum natureza humana, em certo modo, se uniu a cada homem⁵⁵. De facto, nós somos todos em Cristo e a nossa comum natureza humana revive n'Ele⁵⁶.

Temos um mediador junto do Pai que se uniu a cada uma das pessoas humanas e, de alguma maneira, a tudo aquilo que é seu e que o envolve:

«O “Primogénito de toda a criação”⁵⁷, ao encarnar-se na humanidade individual de Cristo, une-se em certo modo a toda a realidade do homem, que também é “carne”, e nela a toda a “carne” e a toda a criação»⁵⁸.

Desta forma, em toda a celebração litúrgica, na medida em que esta é realizada por Cristo, encontram-se presentes, de alguma maneira, todos os homens e elementos das suas culturas. Cristo assume na

sua pessoa todas as realidades humanas, purifica-as, santifica-as e oferece-as ao Pai. A encarnação do Verbo constitui, em certa forma, uma chamada a toda a cultura a estar presente na liturgia celeste na pessoa de Jesus Cristo. Mas esta chamada implica conversão e purificação. Toda a cultura particular está chamada a uma plenitude⁵⁹, mas tal plenitude está em Cristo, e para chegar a Cristo é necessária a conversão e a rejeição de tudo aquilo que é fruto do pecado.

Assim, todas as culturas possuem a potencialidade de estar presentes na pessoa de Cristo diante do Pai. Podemos, portanto, atrever-nos a pensar que, mediante a união de Cristo com todo o homem e, de certa forma, com todas as realidades humanas, os elementos culturais de cada fiel (que não são contrários à fé de Cristo) encontrar-se-ão presentes, purificados, santificados e glorificados na acção litúrgica de Cristo diante de Deus Pai.

Decorrente desta perspectiva, podemos intuir uma certa necessidade da inculturação litúrgica. Porque, se esta inclusão se verifica em virtude da acção de Cristo de forma sacramental, não será conveniente que, em certa medida tal presença seja significada na celebração ritual? Não será conveniente que a assembleia celebrante veja e sinta, através da linguagem e simbologia litúrgica, que toda ela, com a sua forma de ser e de pensar própria, com a sua cultura e idiosincrasia, é apresentada por Cristo ao Pai em virtude do poder do Espírito Santo? Assim, podemos, também nesta perspectiva, compreender a insistência do Magistério em recordar a urgência e necessidade de fomentar uma inculturação litúrgica verdadeira e profunda. É conveniente que a celebração litúrgica signifique a reunião em Cristo de todas as culturas. Porque na celebração celeste encontra-se o mesmo Cristo⁶⁰ que se uniu, através da sua Encarnação, com todos os homens⁶¹ e que assumiu em si, de alguma forma, todas as suas culturas.

Dessa forma, vê-se a conveniência de inserir elementos culturais de um determinado povo na celebração litúrgica. Mas será necessário realçar que, na liturgia celeste, todas as culturas estão chamadas a estar presentes e não somente aquela que pertence à assembleia que é associada à liturgia celestial. Ou seja, se queremos significar a presença das culturas humanas na liturgia celebrada por Cristo diante do Pai à qual a assembleia é associada, tal significação não pode ser monocultural. Isto é, não se pode reduzir à cultura da Igreja local que celebra. Porque em Cristo não está presente apenas a assembleia que celebra mas sim toda a humanidade⁶². Logo, aí estão presentes todas as culturas. Por isso, será conveniente que a celebração litúrgica, de alguma forma, signifique a presença de todas as culturas.

Se se realiza um processo de inculturação que respeite externamente a Tradição litúrgica⁶³, por um lado, e, por outro, o vínculo existente com a Igreja evangelizadora⁶⁴, garantimos que esta significação seja pluricultural. Nela se encontram elementos daquelas culturas que encarnaram o evangelho e se deixaram transformar por ele e aquela que a assembleia celebrante sente como sua.

2.2. As diversas formas de reflectir o «Mistério» nas diferentes tradições litúrgicas

A acção litúrgica realiza e põe em prática o plano de salvação concebido pela Santíssima Trindade. O Pai realiza o «mistério da sua vontade» dando o seu Filho Amado e o Espírito Santo para a salvação do mundo e para a glória do seu Nome⁶⁵. O Filho actualiza essa iniciativa do Pai, pela força do Espírito Santo.

Ao longo da história e com o evoluir das diferentes tradições litúrgicas, foram surgindo formas diversas de expressar esta realidade. Algumas, à fé na unidade da natureza divina, associam o carácter incognoscível da mesma. Isto é, partem de que tudo aquilo que podemos saber de Deus é que Ele é, existe e revelou-Se na história da salvação como Pai, Filho e Espírito Santo. Este sentimento vai-se reflectir nas celebrações através de uma maior acentuação da contemplação e do silêncio. Outras tradições, pelo contrário, prestarão mais atenção à comunicabilidade do Deus Tri-pessoal e sobre a sua acção «ad extra»⁶⁶.

Autores como A. Triacca consideram que a inculturação da liturgia será talvez facilitada se se consideram as características próprias de cada cultura, isto é, as suas tonalidades. Algumas são mais contemplativas na acção (apofáticas), privilegiando a sobriedade e o silêncio; outras mais activas na contemplação (catafáticas). Se temos em conta que a inculturação litúrgica é um processo histórico que se deu no seio da Igreja, chegaremos à conclusão que as evoluções sofridas pelas diferentes tradições litúrgicas têm muito que ver com a interacção que se deu com as culturas. Desta forma, procurar ter em conta os ensinamentos da história da(s) liturgia(s) presente(s) no tecido multiforme da Igreja, ajudará a imprimir uma tonalidade mais catafática ou apofática a uma determinada liturgia inculturada. Por outro lado, como no seio da Trindade reina um silêncio total ao mesmo tempo que se dá o diálogo mais profundo e benéfico, assim a inculturação da liturgia perpétua e eterna pode ser modulada seguindo o exemplo da

natureza divina e conjugar as formas cultuais contemplativas (apofáticas) com as formas mais activas (catafáticas)⁶⁷.

2.3. Partir do mistério da Encarnação para compreender o processo de inculturação litúrgica

Este é o princípio teológico mais estudado e onde existe uma clara unanimidade entre todos os autores que tratam este tema. Todos identificam a Encarnação do Verbo de Deus como o princípio teológico que deve guiar a inculturação. Porque o paralelo existente entre a Encarnação de Cristo e a encarnação do evangelho é uma fonte de luz essencial para tratar este fenómeno⁶⁸. Efectivamente, como disse recentemente o Papa João Paulo II,

«A autêntica inculturação da fé cristã funda-se no mistério da Encarnação. “Deus amou de tal modo o mundo que lhe deu o seu Filho único”⁶⁹; foi num tempo e lugar determinado que o Filho de Deus encarnou, “nascido de mulher”⁷⁰ (...). Tal como o Verbo feito carne entrou na história e habitou entre nós, assim também o seu Evangelho penetra profundamente na vida e cultura daqueles que o ouvem, aderem e acreditam»⁷¹.

Neste momento, dispomo-nos a ver a Encarnação do Verbo nas suas implicações litúrgicas.

Recordemos as palavras de João Paulo II:

«Tal como “o Verbo *Se fez carne* e veio habitar entre nós”⁷², assim também a Boa Nova, a palavra de Jesus Cristo anunciada às nações, *deve entranhar-se* no ambiente de vida dos seus ouvintes. A inculturação é precisamente esta inserção da mensagem evangélica nas culturas. Com efeito, a encarnação do Filho de Deus, exactamente porque integral e concreta, foi também encarnação numa cultura específica»⁷³.

O Verbo encarnou-se para cumprir a missão confiada pelo Pai. Missão que devia ser realizada no interior da humanidade. De forma análoga o evangelho deve efectuar estes dois movimentos no seio da cultura. Ele deverá penetrar no seu interior e transformá-la por dentro. Isto é, estes movimentos que se realizam com a inculturação (a íntima transformação dos autênticos valores culturais pela sua integração no cristianismo e o enraizamento do cristianismo nas diversas culturas humanas)⁷⁴ referem-se a uma das componentes do mistério da Encarnação⁷⁵.

Seguindo este paralelo entre Encarnação do Verbo e encarnação do Evangelho, podemos afirmar que a penetração do Evangelho no meio sócio-cultural produz uma alteração no tecido sócio-cultural. Porque a natureza humana ao ser assumida pelo Verbo divino é aperfeiçoada, elevada, transformada até ao extremo da divinização eterna à direita do Pai, em Jesus, por meio do Espírito Santo⁷⁶. De forma análoga, a Igreja que surge da palavra de Deus anunciada e acolhida pela fé purifica as culturas através da sua santificação⁷⁷.

Tendo em conta que o Evangelho fortifica a partir de dentro, completa e restaura as culturas nas quais ele é anunciado e recebido, aprofundar o anúncio de Cristo e exprimi-lo na celebração litúrgica e na vida multiforme da comunidade dos fieis é como fazer perenes as componentes do mistério da Encarnação⁷⁸. De facto Cristo quis partilhar a nossa natureza humana⁷⁹ de modo que fôssemos criaturas novas n'Ele. Em Cristo a sombra dá lugar à luz, a promessa transforma-se em realidade e todas as aspirações religiosas do homem encontram o seu cumprimento⁸⁰.

Na continuidade dos benefícios derramados no mistério da Encarnação, o Filho de Deus ligou-se a todas as condições sociais e culturais dos homens com quem viveu. E, em virtude da comum natureza humana, em certo modo, uniu-se a todo o homem⁸¹. Por isso, a fé em Cristo oferece a todas as nações a possibilidade de se beneficiar da promessa e de participar na herança do povo da Aliança⁸², sem renunciar à sua própria cultura⁸³. De facto, «o Verbo feito carne não é estranho à cultura e deve ser anunciado a todas as culturas»⁸⁴. Como a humanidade assumida pelo Verbo era uma perfeita humanidade circunscrita às condições sociais e culturais, também o Evangelho anunciado em culturas diferentes deverá assumir o assumível quando estas se deixem informar pelo conteúdo da Palavra de Deus⁸⁵.

No entanto, será necessário ter em conta que o Evangelho só se dá inculturado. Isto é, não existe senão encarnado numa cultura. Daí que A. Triacca faça uma chamada de atenção interessante a este propósito: «Aquilo que se “encarnou” não se pode “desencarnar” para “reencarná-lo”»⁸⁶. Cada sucessiva «encarnação» do cristianismo deve voltar às fontes, sem esquecer, no entanto, aquilo que anteriormente aconteceu: que no mundo judaico-aramaico, helénico, latino, etc. a mensagem evangélica passou, de alguma forma, ao próprio acto da redenção⁸⁷.

Estas realizações concretas do Evangelho deveram-se à fé e à conversão plena a Cristo. Porque a inculturação não impede nunca a adesão à pessoa de Cristo, ao seu modo de viver e de pensar, com to-

das as suas implicações. Jesus Cristo, no anúncio evangélico, pede uma conversão total. E a conversão dos corações dos fieis redundará, necessariamente, na conversão da cultura. Compreendem-se então aquelas palavras de João Paulo II:

«Uma fé que não se faz cultura é uma fé que não foi plenamente recebida, não foi plenamente pensada, não foi fielmente vivida»⁸⁸.

Isto é, uma fé que não se faz fermento da cultura, que não se transforma em cultura, é uma fé mutilada, não acolhida plenamente, não pesada e pensada na sua totalidade, não vivida com fidelidade. Paralelamente, a conversão que não se faz alma da cultura de um povo, não é conversão. Pelo contrário, a cultura verdadeiramente convertida não cessa de ser cultura, mas renova-se libertando-se dos seus produtos efémeros, e torna-se cada vez mais o factor de união do povo fiel⁸⁹.

2.4. Posta em prática da inculturação litúrgica: à luz do Mistério Pascal

A inculturação tem, necessariamente, de seguir a lógica própria da Redenção, e é à luz deste mistério que se deve realizar o discernimento dos elementos que podem ou não ser assumidos e incluídos na celebração litúrgica⁹⁰.

2.4.1. *Morte e Ressureição: chamada à unidade*

A Encarnação está em íntima conexão com a redenção operada por Cristo. Ele quis partilhar a nossa condição humana⁹¹ para morrer por todos e reunir num só corpo todos os filhos de Deus dispersos⁹². Através da sua morte Cristo quis fazer cair o muro de separação entre os homens, fazendo de Israel e das nações um só povo.

Assim, a inculturação dos valores evangélicos e litúrgicos pode ser vista como uma consequência da vontade de Deus de unir todos os povos, eliminando esse muro de separação. Isto porque através de uma verdadeira inculturação garante-se a unidade dentro da diversidade. O Evangelho e as modalidades litúrgicas inculturadas constituem, desta forma, o campo onde se realiza a unidade dos filhos de Deus⁹³.

Efectivamente, Cristo, por meio do seu Mistério Pascal e pela força do Espírito Santo:

- realiza a unidade de todos os homens, atraindo-os todos a si⁹⁴.
- cria na sua pessoa um só homem novo⁹⁵.

— faz brotar um mundo novo⁹⁶ e cada homem pode vir a ser uma nova criatura⁹⁷.

— celebra e realiza a oblação do Seu corpo, de uma vez para sempre⁹⁸.

— inaugura a plenitude do verdadeiro culto em Espírito e verdade⁹⁹.

E, com a vinda do Espírito Santo no dia de Pentecostes, cria-se uma comunidade de fieis reunidos para além de toda a divisão. As maravilhas de Deus são proclamadas a todos os homens de todas as línguas e de todas as culturas¹⁰⁰. Podemos então concluir que o âmbito da inculturação em relação com a liturgia é iluminado e gravita em torno do mistério da Paixão-Morte-Ressureição do Senhor como mistério da vocação à unidade de todos os povos¹⁰¹.

2.4.2. *Unidade, não uniformidade litúrgica*

Como entender a diversidade litúrgica dentro desta chamada à unidade? É sabido que o nascimento de novas formas litúrgico-rituais ao longo dos séculos não significa uma negação da unidade de vocação que acabamos de referir nem a unidade real dos diversos povos entre si. A. Triacca insere esta diversificação dentro do que chama *mistério da novidade*¹⁰². Em Cristo ressuscitado nasce um mundo novo¹⁰³ e cada um pode vir a ser uma nova criatura. Por meio do oferecimento do seu corpo, oferecido de uma vez por todas¹⁰⁴, Jesus Cristo estabelece a plenitude do culto em Espírito e verdade, na novidade, que Ele desejava para os seus discípulos¹⁰⁵. Porque, no seu sangue, Cristo inaugura o mistério pascal que constitui o essencial do culto cristão, tanto que na instituição da Eucaristia se encontra o início da liturgia cristã e o núcleo da sua forma ritual¹⁰⁶.

Encontramos pois em Cristo o mistério da novidade¹⁰⁷: novidade de um povo, novidade de pessoas chamadas de toda a face da terra e novidade de expressões rituais¹⁰⁸.

Mas esta novidade litúrgica permanente não postula por si só expressões litúrgicas sempre novas, sobretudo se estas são procuradas por si mesmas. A «novitas» na expressão ritual de uma cultura, afirma Triacca, termina por se suicidar quando nasce apenas para dar espaço a novidades¹⁰⁹.

2.4.3. *Redenção e purificação das culturas*

A inculturação, pelo paralelo que possui com a Encarnação do Verbo, segue a lógica própria da Redenção.

Efectivamente, a Encarnação está em íntima conexão com o mistério pascal da Morte e Ressurreição. A recepção deste acontecimento implica a tomada de consciência do pecado que marca a consciência humana e faz com que esta tenha, de forma radical, necessidade de redenção. O mesmo acontece com as culturas, necessitam de ser purificadas dos contravalores que são fruto do pecado¹¹⁰.

É portanto, necessário não esquecer que só o mistério pascal de Cristo, suprema manifestação do Deus infinito na finidade da história, poderá ser válido ponto de referência para toda a humanidade peregrina à procura da unidade autêntica e da verdadeira paz¹¹¹. É à luz deste mistério, que se deve realizar o discernimento dos valores e contravalores das culturas, uma vez que toda a cultura necessita de ser transfigurada por parte dos valores do Evangelho¹¹².

Desta forma, todo o germen de bem que se encontra no coração e na mente dos homens ou nos ritos e nas culturas próprias dos povos, não deve ser perdido, mas deve ser purificado, elevado e aperfeiçoado para a glória de Deus, para confusão do demónio e a felicidade do homem¹¹³.

3. ACÇÃO DO ESPÍRITO SANTO A LITURGIA E O SEU PAPEL PRIMORDIAL NA INCULTURAÇÃO

Na liturgia, o Espírito Santo é o pedagogo da fé do Povo de Deus, o artífice das «obras primas de Deus» que são os sacramentos da Nova Aliança¹¹⁴. Ele é o dom do Pai, entregue pelo seu Filho Jesus Cristo como resposta de amor no mistério pascal, para derramá-lo abundantemente sobre a humanidade redimida¹¹⁵. «Dom de Deus»¹¹⁶, prometido para os tempos messiânicos¹¹⁷, que repousa sobre Jesus¹¹⁸ e o guia na sua missão¹¹⁹ até ao seu oferecimento na cruz¹²⁰, é também o dom que o Mediador único do culto verdadeiro entrega à sua Igreja para que esta realize, por sua vez, a sua missão¹²¹.

Mas este dom que Cristo nos dá encontra-se especialmente na celebração dos sacramentos. Nela,

«(...) o Espírito Santo age do mesmo modo que nos outros tempos da economia da salvação: prepara a Igreja para o encontro com o seu Senhor, lembra e manifesta Cristo à fé da assembleia; torna presente e actualiza o mistério de Cristo pelo seu poder transformante; e finalmente, enquanto Espírito de comunhão, une a Igreja à vida e à missão de Cristo»¹²².

Mediante a sua presença activa na Igreja e na liturgia o Espírito Santo fomenta, realiza e guia o processo de inculturação. Procuraremos

debruçar-nos sobre a sua forma de actuar e de estar presente na liturgia para entender com maior profundidade o seu papel na inculturação litúrgica.

3.1. Presença do Espírito Santo nas culturas e na liturgia

O Espírito Santo antecipa-se à evangelização, actuando no seio das culturas, preparando-as para acolher a mensagem do evangelho. É Ele que infunde as «sementes do Verbo», presentes nos ritos e nas culturas, e as faz amadurecer em Cristo¹²³. Esta acção vai ter uma repercussão decisiva na evangelização, porque:

«(...) tudo quanto o Espírito opera no coração dos homens e na história dos povos, nas culturas e religiões, assume um papel de preparação evangélica»¹²⁴.

Se o Espírito Santo actua como preparação para o acolhimento do evangelho, a sua acção torna-se mais efectiva na evangelização e na vida da Igreja.

Efectivamente, a missão da Igreja, tal como a de Jesus, é obra do Espírito Santo¹²⁵. A Sua acção manifesta-se especialmente no impulso dado à missão que, de facto, se expande por toda a terra¹²⁶. É o Espírito que impele a ir sempre mais além, não só em sentido geográfico, mas também ultrapassando barreiras étnicas e religiosas, até se chegar a uma missão verdadeiramente universal¹²⁷.

Mas o Espírito Santo faz-se presente nas culturas de forma mais profunda através da sua presença activa e fecundante no seio da Igreja e, especialmente, quando esta celebra o Mistério de Cristo.

Dá-se, entre o Paráclito e as culturas, algo semelhante ao que aconteceu com Maria. Da mesma forma que a Encarnação do Filho de Deus foi obra do Espírito Santo no seio da Bem-aventurada Virgem Maria que colaborou em sinergia, analogamente a inculturação é o fruto da presença e da acção do Paráclito que «actua dentro da “humanitas” das diversas culturas, as quais devem colaborar em simbiose com o Espírito Santo»¹²⁸.

Neste sentido, através da liturgia, o Espírito actua sobre as culturas¹²⁹. E Triacca chega a afirmar que esta presença específica do Paráclito no interior das diversas culturas é devida à oração de intercessão da epiclesis «in aeternitate» que o Soberano e Eterno Sumo Sacerdote continua a elevar sem cessar ao Pai¹³⁰.

3.2. O Espírito Santo na celebração litúrgica

Vimos como o Espírito do Pai está presente nas culturas antes e durante a evangelização, mas como essa presença se dá de uma forma especial na vida da Igreja e, particularmente, quando esta celebra o Mistério do seu Senhor. O papel do Espírito Santo na Igreja atinge o seu auge na celebração litúrgica. Para o comprovar basta ver as componentes da sua missão no seio da liturgia:

«A missão do Espírito Santo na liturgia é a de preparar a Assembleia para o encontro com Cristo; recordar e manifestar Cristo à fé da assembleia dos crentes; fazer presente e actualizar a obra salvífica de Cristo pelo seu poder transformador e fazer frutificar o dom da comunhão na Igreja»¹³¹.

Prepara para o encontro com Cristo.

O Catecismo refere-se à preparação dos corações dos fieis. Tal preparação «é obra comum do Espírito Santo e da assembleia, em particular dos seus ministros»¹³². Se entendemos a liturgia como um todo e não a reduzimos à celebração ritual, esta preparação terá, necessariamente, implicações e efeitos sobre a inculturação. Na medida em que o Espírito dispõe os corações dos fieis para celebrar em íntima união com Cristo o Mistério da nossa fé, ele prepara esses corações para que o façam integralmente, isto é, na totalidade do seu ser, sem divisões nem duplicidade de vidas. Ou seja, mediante uma fé plenamente assumida, com todas as suas implicações e manifestações. Se isto é assim, são evidentes as repercussões na inculturação da celebração. Se o Espírito prepara para uma união completa e total com Cristo, tal união implica a totalidade da pessoa. Isto é, com a sua cultura e idiosincrasia próprias. A manifestação dessa união através da celebração do Mistério de Cristo dar-se-á então de forma inculturada, em virtude da preparação, pessoal e individual, de cada fiel por parte do Espírito.

Podemos, portanto, incluir, dentro da preparação para o encontro com Cristo, a preparação das realidades culturais enquanto que susceptíveis de servir na obra litúrgica de Cristo. Porque será mediante a acção do Paráclito no coração dos fieis que se produzirá uma conversão da sua forma própria de pensar e de sentir, da sua idiosincrasia, que seja simultaneamente compatível com o evangelho e com a sua cultura própria. Se a graça do Espírito Santo tende a suscitar a fé, a conversão do coração e a adesão à vontade do Pai¹³³, não será esta graça, também e de certa forma, fermento de inculturação?

Recordar e manifestar Cristo e a sua obra.

O Espírito e a Igreja cooperam na manifestação de Cristo e da sua obra na liturgia.

«Através das palavras, as acções e os símbolos que formam a trama de uma celebração, o Espírito Santo põe os fieis e os ministros em relação viva com Cristo, Palavra e Imagem do Pai, de modo a poderem fazer passar para a sua vida o sentido daquilo que ouvem, vêem e fazem na celebração»¹³⁴.

É o Espírito que actua através das realidades culturais presentes na celebração. Ele está presente e actuante nas manifestações litúrgicas audíveis, visíveis, etc., isto é, *per ritus et preces*, e nas manifestações «apofáticas», ou seja, no silêncio da celebração, na eficácia do acontecimento celebrado, e nas consequências na vida dos fieis. É Ele que concilia as oposições entre estes dois tipos de manifestações e transforma o *bonum* de uma cultura em *melius*, e este último em *optimum*¹³⁵.

É o Espírito Santo que conjuga a força da cultura e a dinâmica do culto em espírito e verdade. Desta forma Ele deixa de estar presente e actuante quando encontra resistência por parte dos valores humanos. No entanto, quando este encontra uma correspondência da parte do fiel cristão, então o Espírito transforma uma sub-cultura em cultura, uma cultura antropológica em cultura de Cristo, com Cristo e por Cristo¹³⁶.

Por fim, tendo em conta a necessidade de redenção que as culturas têm, encontramos o Espírito como o agente purificador das ritualidades que não estão à altura dos conteúdos da celebração¹³⁷.

Actualizar a obra salvífica de Cristo e frutificar a comunhão.

«A missão do Espírito Santo está sempre unida e ordenada à do Filho»¹³⁸. Isto é, «toda a obra de Cristo é missão conjunta do Filho e do Espírito Santo»¹³⁹. E agora, na vida da Igreja, e particularmente na liturgia, o Espírito e a Esposa cooperam na manifestação de Jesus Cristo e da sua obra de salvação¹⁴⁰. Mas a liturgia não se reduz à manifestação ou a uma recordação dos acontecimentos que nos salvaram. Ela actualiza-os, fá-los presentes.

«O Mistério de Cristo celebra-se, não se repete; são as celebrações que se repetem; em cada uma delas tem lugar a efusão do Espírito Santo que actualiza o único Mistério»¹⁴¹.

Assim, enviado pelo Pai, que escuta a epiclese da Igreja, o Espírito dá a vida aos que o acolhem, e constitui para eles, desde já, o penhor da sua herança¹⁴².

Vimos recentemente como o Mistério Pascal de Cristo é fonte de luz para o fomento e a realização da inculturação. Por outro lado, acabamos de ver como existe uma íntima união entre a missão de Cristo e do seu Espírito. Assim, compreende-se que Este se encontre particularmente implicado em todas as fases do processo de inculturação. Se o Espírito Santo tem por missão manifestar no seio da Igreja o Mistério de Cristo e converter, mediante o seu poder transformador, a oblação da Igreja no Corpo e Sangue do seu Senhor, não será também Ele, de forma análoga, agente transformador das culturas na celebração litúrgica?

Na medida em que o Espírito de Cristo se entrega à realização da obra de Cristo no seio da Igreja, será Ele quem levará à prática os princípios cristológicos que guiam a inculturação litúrgica. Assim, se a Encarnação do Verbo é um princípio de base para compreender a inculturação, a fidelidade a dito princípio será tarefa especial do Espírito Santo.

Isto é, a inculturação das consequências e dos efeitos do Mistério Pascal permitem identificar como visíveis a presença e a acção secretas e imperceptíveis do Espírito Santo nas diferentes culturas¹⁴³.

Vejamos por exemplo o caso da unidade operada por Cristo no Mistério Pascal. Ela é o objectivo principal da missão do Espírito. Efectivamente, «a finalidade da missão do Espírito Santo em toda a acção litúrgica —em palavras do Catecismo da Igreja Católica— é pôr em comunhão com Cristo para formar o seu Corpo»¹⁴⁴. Uma comunhão que transborda todas as afinidades humanas, raciais, culturais e sociais¹⁴⁵. Porque, dentro desta diversidade, Cristo faz com que o Espírito único e indivisível habite em cada um, e o Espírito do Pai leva por si mesmo à unidade aqueles que são distintos entre si.

Ora, víamos a inculturação dos valores evangélicos e litúrgicos como consequência da vontade de Deus de unir todos os povos. Isto é, concluíamos que o âmbito da inculturação litúrgica gravita em torno do mistério da Paixão, Morte e Ressurreição do Senhor como mistério de vocação à unidade. Se o Mistério de Cristo dá luz para entender e enfocar a inculturação, o Espírito é quem, oculta e silenciosamente, a realiza no seio da Igreja.

Continuemos com o nosso olhar sobre a missão do Espírito Santo na liturgia. Em cada uma das celebrações litúrgicas tem lugar a efusão do Espírito Santo que actualiza o único Mistério¹⁴⁶. Desta forma, a eficácia dessas celebrações não reside tanto na obra humana e nos elementos utilizados para a realizar, quanto na acção das três Pessoas divinas¹⁴⁷. Ou, por outras palavras, a eficácia da celebração inside na si-

nergia entre a obra divina e o elemento humano. Intuí-se assim que o Espírito, sendo o poder transformador presente na celebração¹⁴⁸, seja o responsável de que a celebração seja compatível com as diversas culturas. A sua perfeição e eficácia não cai tanto numa acção externa mas sim na acção realizada por Cristo, mediante o poder do Espírito Santo, para prestar um culto de adoração ao Pai¹⁴⁹.

Desta forma compreende-se que possam existir muitas celebrações mais ou menos distintas do mesmo Evento. O Mistério que celebramos não depende tanto dos elementos culturais, dos ritos e das palavras que utilizamos, mas sim da virtude do Espírito Santo e da acção de Cristo. O Espírito é assim responsável pela possibilidade de viver a fé dentro da própria cultura¹⁵⁰. Porque qualquer que seja a cultura do fiel cristão ela pode ser veículo de comunicação com Deus na celebração litúrgica. O Espírito de Cristo e do Pai encarrega-se de que tal veículo seja purificado, transformado e, graças ao seu poder, seja canal eficaz de acesso ao Pai na celebração litúrgica.

Será conveniente precisar que, se a eficácia da celebração é primariamente obra divina, ela requer uma participação plena, activa, consciente e frutuosa por parte da assembleia¹⁵¹. O Espírito está assim empenhado em prepará-la para uma tal participação, como vimos anteriormente. Daí a importância e necessidade da inculturação e o esforço do Paráclito por levá-la a cabo.

Sigamos com o exemplo da comunhão como fruto da acção da Igreja na liturgia e como fruto da acção do Paráclito. Acabamos de afirmar que os frutos da celebração se devem primariamente à obra divina que nela se realiza. Neste caso, a unidade dos filhos de Deus na Igreja é realizada principalmente pela actuação do Espírito Santo¹⁵². Não se trata de uma unidade externa, um cumprir de um determinado número de ritos de forma igual ou muito semelhante. Ela é uma unidade interior¹⁵³. O cristão, fruto da acção divina dentro de si, possui vínculos que o unem intimamente aos outros fieis. Isto não significa que tal unidade não deva ser significada de alguma maneira nas celebrações litúrgicas. Tal significação é, sem dúvida, muito conveniente. No entanto, não são os símbolos, os ritos ou as práticas que realizam a unidade dos fieis de uma assembleia. Essa comunhão é um fruto do Espírito Santo em cooperação íntima com a Igreja. Pois a finalidade da sua missão em toda a acção litúrgica é «pôr em comunhão com Cristo para formar o seu Corpo»¹⁵⁴.

Por fim, o Espírito Santo, tem um papel importante na participação litúrgica. Efectivamente, parece-nos importante realçar que o Espírito Santo é a alma da participação litúrgica. E, como a incultu-

ração litúrgica tem uma estreita relação com a participação dos fieis nas celebrações¹⁵⁵, julgámos que seria conveniente debruçar-nos, ainda que brevemente, sobre este aspecto.

«O Espírito Santo é que dá aos leitores e ouvintes, segundo a disposição dos seus corações, a inteligência espiritual da Palavra de Deus. Através das palavras, acções e símbolos, que formam a trama duma celebração, o Espírito Santo põe os fieis e os ministros em relação viva com Cristo, Palavra e Imagem do Pai, de modo a poderem fazer passar para a sua vida o sentido daquilo que ouvem, vêem e fazem na celebração»¹⁵⁶.

Ele é a força dos dinamismos próprios da liturgia. Transforma pois esses símbolos e essas acções, purificando-os e dando-lhes um significado próprio. Confere-lhes a dignidade de sinais da graça, da criação nova em Jesus Cristo¹⁵⁷. O Espírito Santo, mediante esta purificação e transformação profunda, permite a unificação e a unidade das culturas dentro da pluralidade das suas manifestações¹⁵⁸.

3.3. Salvaguarda da Tradição litúrgica

O Catecismo da Igreja Católica afirma que embora exista uma diversidade de línguas, o conteúdo da Tradição é uno e idêntico. E, para o expressar, cita S. Ireneu de Lyon:

«Esta fé que recebemos da Igreja, guardamo-la com cuidado, porque sem cessar, sob a acção do Espírito de Deus, como um conteúdo de grande valor encerrado num frasco excelente, rejuvenesce e faz rejuvenescer o próprio frasco que o contém»¹⁵⁹.

Se o Espírito é garante da Tradição da Igreja também o é em relação à Tradição litúrgica. Na realidade esta é uma parte da primeira¹⁶⁰. Desta forma compreende-se que seja o Espírito Santo quem salvaguarda através dos tempos a duradoura e perpétua Tradição litúrgica, à medida que esta é revista, concretizada e feita visível dentro das diferentes tradições litúrgicas, e através das inculturações orientais e ocidentais, passadas e futuras, num hoje, aqui e agora salvífico¹⁶¹.

O acto de transmissão que permite passar a vitalidade da fé professada de uma geração à outra, é também uma acção do Espírito Santo e fruto da sua presença agente¹⁶².

No processo de divinização da humanidade através dos sacramentos, o Espírito realiza um papel importante. Pelo poder do Espírito

que habita no homem como resultado dos sacramentos da Igreja¹⁶³, a sua divinização começa já nesta terra. A criatura é transfigurada e o Reino de Deus é inaugurado. De facto, quando chegamos a este ponto, o binómio «liturgia-cultura» dissolve-se no processo de inculturação, num lugar onde todas as *nuances* são filtradas pelo Espírito e passam constantemente pelo crivo do Paráclito¹⁶⁴. É aqui que começa o processo de inculturação. Nas profundidades interiores do cristão. Daí, mediante a acção do Espírito Santo, brotará a verdadeira inculturação, fruto de uma fé vivida em plenitude e assumida na sua totalidade. Só então se manifestará na Igreja em todas as suas facetas.

3.4. Discernimento das realidades a introduzir na celebração e principio do progresso gradual

Desde os inícios do cristianismo a Igreja viu-se perante o repto de conciliar as renúncias exigidas pela fé em Cristo com a fidelidade à cultura e tradições do povo a que pertenciam as diferentes Igrejas locais. Fruto desse esforço realizou-se um discernimento ao longo da história e que continua a ser necessário para que,

«(...) através da liturgia, a obra da salvação realizada por Cristo se perpetue fielmente na Igreja pela força do Espírito, através do espaço e do tempo, e nas diversas culturas humanas»¹⁶⁵.

A força do Espírito significa a sua presença, acção, assistência operativa no tecido eclesial. Assim, sob o impulso do Espírito Santo, o Evangelho não foi restringido aos limites da lei mosaica¹⁶⁶, e foi levado pelas nações do mundo inteiro para que se encarnasse no seio de todas as culturas.

Com a vinda do Paráclito no dia de Pentecostes, as maravilhas de Deus foram proclamadas a todos os homens, de todas as línguas e de todas as culturas¹⁶⁷. Desde esse momento e para sempre a onda benéfica do Evangelho e do culto em Espírito e Verdade estende-se abrangendo todas as expressões culturais como instrumentos para cantar as maravilhas divinas. De facto, é também com o Espírito Santo como guia que continua, ao longo dos séculos, uma obra especial de discernimento entre aquilo que pode ou que deve ser guardado, e aquilo que terá de ser rejeitado, de entre o património cultural de cada povo¹⁶⁸.

Esta expansão do Evangelho pelo mundo inteiro fez com que surdissem formas rituais diferentes nas Igrejas que procediam da gentildade, em função de diferentes influências culturais. Neste processo,

«(...) Sob a luz do Espírito Santo, realizou-se o adequado discernimento entre os elementos procedentes de culturas “pagãs” para distinguir o que era incompatível com o cristianismo e o que podia ser assumido por ele, em harmonia com a tradição apostólica e em fidelidade ao Evangelho da salvação»¹⁶⁹.

Estas palavras da instrução *Varietates Legitimae* parecem querer deixar claro que a assistência do Espírito Santo é como que o princípio de discernimento da inculturação litúrgica. É Ele que, com a sua acção imperceptível mas operativa, silenciosa mas eficaz, se torna princípio de crescimento harmónico das formas litúrgico-rituais¹⁷⁰, de modo que estas não estejam em contraste com a perene tradição e ao mesmo tempo sejam sintomaticamente compatíveis com quanto existe de bom nas diversas culturas como «*semina Spiritus* e, portanto, *semina Verbi*»¹⁷¹.

4. A IGREJA, LUGAR DO EQUILIBRIO ENTRE A FIDELIDADE À FÉ E A FIDELIDADE À CULTURA

A natureza da liturgia está intimamente ligada à natureza da Igreja, até ao extremo de que é sobretudo na liturgia que a natureza da Igreja se manifesta¹⁷². A liturgia existe no seio da Igreja, e a Igreja edifica-se mediante a acção de Cristo e do seu Espírito na liturgia. Assim, podemos afirmar que uma não existe sem a outra. Poderia, quando muito existir uma ritualidade sem Igreja, mas nunca poderia existir uma liturgia. Da mesma forma, poderia existir uma assembleia de pessoas sem a liturgia, mas nunca existiria a Igreja de Deus¹⁷³.

A liturgia é, em palavras de João Paulo II,

«(...) o lugar privilegiado do encontro dos cristãos com Deus e com o seu enviado Jesus Cristo»¹⁷⁴.

Efectivamente, na liturgia da Nova Aliança, toda a celebração litúrgica, especialmente a celebração da Eucaristia e dos sacramentos, é um encontro entre Cristo e a Igreja¹⁷⁵.

A liturgia é, ao mesmo tempo, a acção de Cristo sacerdote e a acção da Igreja que é o seu corpo, pois para levar a cabo a obra de glorificação de Deus e de santificação dos homens, realizada através de sinais sensíveis, Cristo associa sempre consigo a Igreja que, por ele e no Espírito Santo, oferece ao Pai o culto que lhe é devido¹⁷⁶.

Mas, se tomamos em conta uma noção de liturgia que não se reduza à celebração do culto cristão, veremos como esta relação é ainda mais íntima. Na realidade, na Igreja unem-se inseparavelmente o Es-

pírito Santo, a nossa humanidade e a do Verbo encarnado. É esta «energia» da Nova Aliança que é agora a liturgia que constitui a Igreja, Corpo de Cristo. A Liturgia não será, portanto, uma componente do mistério da Igreja, mas sim a Igreja a condição actual da Liturgia na nossa humanidade mortal. A Esposa de Cristo, vista desta forma, será como o rosto humano da Liturgia celeste, a sua presença radiante e transformante no nosso tempo¹⁷⁷.

Assim, tendo em conta esta união inseparável entre a Igreja e a liturgia intuímos o papel delicado que possui a inculturação litúrgica, pois da forma como esta fôr levada a cabo, depende a natureza da própria liturgia. A inculturação litúrgica está chamada a conjugar o equilíbrio entre fé e cultura no seio da liturgia. E se não se conserva dentro do equilíbrio entre estas duas fidelidades (à fé e à cultura) levará à ruptura da natureza da liturgia e, com ela, ao desmoronamento da natureza da Igreja¹⁷⁸.

4.1. Prolongação do Mistério de Cristo ao longo da história por intermédio da Igreja

As questões que a inculturação do Rito romano suscita actualmente podem encontrar alguma aclaração na história da salvação¹⁷⁹. Como é conhecido, encontramos tal fenómeno já no Antigo Testamento e é conatural a toda a expansão do cristianismo ao longo dos últimos dois mil anos. Neste sentido, ainda que a inculturação se tenha dado ao longo de toda a história da salvação, ela tem uma especial ligação com o tempo da Igreja.

Efectivamente, Jesus com o seu mistério pascal, dá início à última etapa da história da salvação: a hora da Igreja. Nela as maravilhas de Deus devem ser anunciadas a todas as nações, culturas e povos. Nela a salvação realiza-se mediante a presença da Santíssima Trindade na sua Igreja e, de forma especial, na liturgia.

É precisamente esta presença do Mistério de Cristo na Igreja e na liturgia que permite compreender e delimitar bem a inculturação. Se o Mistério da Encarnação é a luz e a referência para conduzir e fomentar todo o processo de inculturação, é porque tal mistério é prolongado na história por intermédio da Igreja¹⁸⁰. Cristo continua entre os homens, na sua Igreja, através da economia sacramental e, especialmente, através da Eucaristia¹⁸¹. E quer unir-se a todos os homens. A Igreja sob o mandato de Cristo expande-se pelo mundo e entra em contacto com todos os povos e culturas, e este contacto leva necessariamente a uma

relação intercultural. Por isso, a difusão do evangelho levou a que surjam distintas formas rituais nas Igrejas provenientes da gentilidade, sob a influência de diversas tradições culturais¹⁸². Na realidade,

«Ao longo dos séculos, o Rito romano demonstrou repetidamente a sua capacidade de integrar textos, cantos, gestos e ritos de diversa procedência e soube adaptar-se às culturas locais dos países de missão, embora nalgumas épocas tenha prevalecido a preocupação da uniformidade litúrgica»¹⁸³.

Dos acontecimentos da história da salvação e das suas implicações deriva que a liturgia, como o Evangelho, deve respeitar as culturas, mas ao mesmo tempo convida-as a purificar-se e a santificar-se. Por isso, a Igreja fomenta e assume, e ao assumi-las, purifica-as, fortalece e eleva todas as capacidades, riquezas e costumes dos povos no que têm de bom¹⁸⁴. Existe pois um desafio perene, que começou com o surgir da Igreja e que sempre a acompanhará, que consiste em conciliar as renúncias impostas pela fé em Cristo com a fidelidade à cultura e às próprias tradições¹⁸⁵.

4.2. A vida da Igreja como tradição em acto: lugar de discernimento para salvaguardar o essencial

A plena catolicidade da Igreja como povo sacerdotal, real, profético e martirial¹⁸⁶, animada pelo Espírito Santo, manifesta-se, de forma especial quando a Igreja é *Ecclesia orans* que celebra as *mirabilia Dei*¹⁸⁷. No entanto, a catolicidade da Igreja exprime-se não por intermédio de uma única tradição litúrgica mas sim através de diferentes tradições, sem que estas constituam pólos de oposição. Porque, o Mistério celebrado na liturgia é uno, embora as formas de celebrar sejam distintas¹⁸⁸.

É através de um retorno às fontes da única Tradição litúrgica, que originou todas as restantes, que poderemos compaginar harmoniosamente os dois movimentos intrínsecos ao processo de inculturação¹⁸⁹, sem centrar a questão sobre a prioridade ou a proeminência de uma parte sobre a outra, isto é, da liturgia sobre a cultura ou vice-versa¹⁹⁰.

Efectivamente, a Palavra de Deus, primeiro elemento constitutivo da liturgia, é sempre a mesma, ontem, hoje e por todos os séculos¹⁹¹. A própria fé, se ela é verdadeiramente a fé cristã que nasce da palavra de Deus proclamada, recebida, aprofundada, celebrada e vivida, é a mesma em qualquer época e lugar. As preces de louvor e de acção de graças que brotam da fé e da conversão dos fieis são sempre louvores e

acções de graças, quaisquer que sejam as línguas e as culturas que as pronunciem. No entanto, são acções especiais e únicas, pois são realizadas através de Cristo, com Cristo e em Cristo¹⁹². Assim, a diversidade de formas rituais é mantida na unidade através da acção de Cristo e do Espírito Santo.

Os estilos próprios e típicos das numerosas Igrejas locais mostram que a Palavra de Deus, anunciada a um povo, é feita revelação que se partilha e se perpetua. Isto significa que ela é susceptível de adaptação. Ela torna-se totalmente compreensível quando Cristo fala a língua dos diferentes povos. É então quando estes começam a compreender em profundidade a Palavra de Deus e a cantar um sincero canto de louvor a Deus, isto é, a celebrar o Mistério de Cristo fazendo uso das suas próprias expressões. Desta forma, a partir da vida da Igreja, desde o próprio dia de Pentecostes, verifica-se o discernimento que permite a salvaguarda do essencial. A vida da Igreja, entendida como Tradição em acto, é assim o lugar onde se verifica a compatibilidade entre os dois pólos da inculturação¹⁹³, isto é, entre essas duas fidelidades, à fé e à cultura. Ou, por outras palavras, é na vida da Igreja que a multidão dos filhos de Deus mediante a sua cultura humana própria, assumida e transfigurada por Cristo, tem acesso ao Pai, para O glorificar num só Espírito¹⁹⁴.

4.3. Missão da Igreja e inculturação litúrgica

A consciencialização da necessidade de fomentar e de acelerar o processo de inculturação deu-se num ambiente de missão. Historicamente a inculturação litúrgica apresenta uma relação profunda com a evangelização. Na realidade, as diversas tradições litúrgicas nasceram devido à missão da Igreja. Assim, as Igrejas de uma mesma área geográfica e cultural chegaram a celebrar o Mistério de Cristo através de expressões particulares, culturalmente tipificadas¹⁹⁵. Tanto é assim, que alguns autores consideram a inculturação litúrgica como um momento do processo amplo de evangelização¹⁹⁶. Está claro que os dois processos se interpenetram e possuem uma estreita ligação. No entanto, são processos distintos que se encontram activos continuamente na vida da Igreja, seja qual fôr o estadio ou desenvolvimento da comunidade local. De forma esquemática, e naturalmente simplificada, podemos dizer que da evangelização nasce a fé, e a fé implica conversão pessoal. Uma conversão profunda e integral, que ponha em prática todas as implicações da fé em Cristo, leva à verdadeira inculturação. Se essa fé é vivida individualmente em plenitude, ela levará ne-

cessariamente à sua expressão segundo os modos culturais próprios de cada povo. O evangelho encontra-se na vida de cada pessoa, e a pessoa com a sua cultura vive o evangelho¹⁹⁷.

Tal não significa que o anúncio do Evangelho não deva ser feito tendo em conta a necessidade de inculturação. Efectivamente, se esta conversão se dá, e se o evangelho transforma por dentro e a partir de dentro uma determinada cultura, o evangelho vai ser pregado no seio dessa comunidade de acordo com essa cultura, informado por esses elementos que ele purificou e transformou. Essa fé, ao fazer-se cultura, apresenta-se perante os homens e mulheres dessa comunidade como uma chamada mais clara e mais compreensível a buscar e a alcançar a verdade. Daí que afirme João Paulo II:

«(...) a Igreja, com a inculturação, torna-se um sinal mais transparente daquilo que realmente ela é, e um instrumento mais apto para a missão»¹⁹⁸.

4.4. O equilíbrio da Tradição: abertura à inovação (rejeitando o passageiro e efémero) e fidelidade ao essencial da fé

A Tradição litúrgica é património da Igreja de Cristo, memória viva do Ressuscitado. Os apóstolos e os discípulos dão testemunho de Cristo Ressuscitado e Glorificado. Eles asseguram o testemunho graças à sucessão apostólica que chega até aos nossos dias. A Tradição e a sucessão apostólica são inseparáveis¹⁹⁹. Estão presentes, de alguma forma, no interior do património histórico e cultural de cada Igreja particular, desse património que é transmitido de geração em geração.

A Tradição, com efeito, não é uma simples repetição de fórmulas. Ela conserva, transmite e amplifica o núcleo originário recebido. Vemo-nos portanto, diante de outro equilíbrio entre dois pólos, semelhante e com muitas implicações naquele da inculturação. Por um lado, a Tradição deve preservar a Igreja do perigo de se apegar a opiniões passageiras e efémeras, e neste sentido, é compatível com o novo e com o moderno. Por outro, deve assegurar a fidelidade a tudo aquilo que é essencial e nuclear na fé cristã²⁰⁰.

Podemos concluir que a inculturação depende, em grande medida, de que se verifique este equilíbrio por parte da Tradição, que será obra, como vimos, do Espírito Santo.

Assim, a Igreja informada pela Tradição tem a capacidade de levar a liturgia a qualquer cultura e fomentar um processo de inculturação que respeite a identidade das celebrações litúrgicas²⁰¹.

NOTAS

1. Cfr J. LÓPEZ, *La liturgia de la Iglesia*, Madrid 1994, p. 24.
2. Cfr *Catecismo da Igreja Católica*, 1077-1112.
3. Cfr Sb 9, 9.
4. *Catecismo da Igreja Católica*, 295.
5. Cfr *ibid.*, 293.
6. Ef 1, 5-6.
7. Cfr J. CORBON, *Liturgia alla sorgente*, Roma 1983, p. 28.
8. «Tutto il dramma della storia è tra questo Dono e questa Accoglienza: la passione di Dio per l'uomo, e l'uomo, nostalgia di Dio»: *ibid.*, p. 29.
9. *Catecismo da Igreja Católica*, 356.
10. Cfr GS 12.
11. Cfr *Catecismo da Igreja Católica*, 357.
12. Cfr J. RATZINGER, *Introduzione allo spirito della liturgia*, Torino 2001, p. 22.
13. Cfr *ibid.*
14. «Possiamo allora dire che lo scopo del culto e lo scopo della creazione nel suo insieme è lo stesso: la divinizzazione, un mondo di libertà e di amore»: J. RATZINGER, *Introduzione allo spirito della liturgia*, Torino 2001, p. 24.
15. Cfr Sb 13, 1; Rm 1, 19-20; Act 14, 17.
16. *Catecismo da Igreja Católica*, 1147.
17. Neste sentido o Catecismo refere, a propósito da Eucaristia, que «(...) os sinais do pão e o vinho continuam também a significar a bondade da criação. Por isso, no ofertório [apresentação das oferendas], nós damos graças ao Criador pelo pão e o vinho, fruto “do trabalho do homem”, mas primeiramente, “fruto da terra” e “da videira”, dons do Criador», *ibid.*, 1333.
18. *Ibid.*, 1146.
19. *Ibid.*, 1148.
20. Cfr GS 53. Neste número o Concílio define, de forma descritiva, o termo cultura. Para Poupard, esta definição considera a cultura como o modo de expressão e de realização da pessoa. A cultura será, não um adorno privilegiado da personalidade, mas a própria expressão da personalidade: Cfr P. POUPARD, *Iglesia y culturas: orientación para una pastoral de inteligencia*, Valencia 1988, p. 16. Será então, em palavras do Concílio: «Tudo aquilo pelo qual o homem afina e desenvolve as múltiplas capacidades do seu espírito e do seu corpo; se esforça por submeter o universo por meio do conhecimento e do trabalho; humaniza a vida social, tanto a vida familiar como o conjunto da vida civil, graças aos progressos dos costumes e das instituições; por fim, com o tempo, exprime, comunica e conserva nas suas obras as grandes experiências e aspirações espirituais, de modo que possam contribuir para o progresso do maior número possível e inclusive de todo o género humano»: GS 53.

21. Cfr SC 37-40. É necessário recordar que a cultura, para além do significado que mencionamos na nota anterior, é também factor que marca um povo, ao permitir-lhe expressar-se e fortalecer a sua consciência colectiva: Cfr GS 53; H. CARRIER, *Evangelizing the Culture of Modernity*, New York 1993, p. 17; P. POUPARD, *Iglesia y culturas: orientación para una pastoral de inteligencia*, Valencia 1988, p. 16.
22. Cfr *Catecismo da Igreja Católica*, 1204.
23. Cfr *ibid.* 1083.
24. Efectivamente, «A liturgia da Igreja pressupõe, integra e santifica elementos da criação e da cultura humana, conferindo-lhes a dignidade de sinais da graça, da nova criação em Jesus Cristo»: *Catecismo da Igreja Católica*, 1149.
25. Cfr *ibid.*
26. Cfr *ibid.*, 69.
27. *Ibid.*, 1145.
28. «En la Eucaristía Cristo devuelve al Padre todo lo que de Él proviene. Se realiza así un profundo *misterio de justicia de la criatura hacia el Creador*. Es preciso que el hombre dé honor al Creador ofreciendo, en una acción de gracias y de alabanza, todo lo que de Él ha recibido»: JUAN PABLO II, *Don y Misterio*, Madrid 1996, p. 91.
29. Neste sentido comenta o Beato Josemaria Escrivá na sua homilia «Sacerdote para la eternidad», a propósito da celebração eucarística: «Cuando celebro la Santa Misa con la sola persona del que me ayuda, también hay allí pueblo. Siento junto a mí a todos los católicos, a todos los creyentes y también a los que no creen. Están presentes todas las criaturas de Dios —la tierra y el cielo y el mar, y todos los animales y las plantas—, dando gloria al Señor la Creación entera»: BEATO JOSEMARÍA ESCRIVÁ, *Amar a la Iglesia*, Madrid 1986, p. 75.
30. Cfr *Catecismo da Igreja Católica*, 1136.
31. Rm 5, 19.
32. «As consequências do pecado original e de todos os pecados pessoais dos homens dão ao mundo, no seu conjunto, uma condição pecadora, que pode ser designada pela expressão de São João: “o pecado do mundo”. Esta expressão significa também a influência negativa que as situações comunitárias e as estruturas sociais, que são fruto dos pecados dos homens, exercem sobre as pessoas»: *Catecismo da Igreja Católica*, 408.
33. JOÃO PAULO II, Exort. Ap. *Ecclesia in Africa* (14.IX.95), 61: AAS 88 (1996) 38; Cfr Exort. Ap. *Catechesi Tradendae* (16.X.1979), 53: AAS 71 (1979) 1320; Carta Ap. *Novo Millennio Ineunte* (6.I.01), 40, «L'Osservatore Romano» (8.I.01) 5.
34. JOÃO PAULO II, Exort. Ap. *Ecclesia in Oceania* (22.XI.01), 16: DC 48 (2001) 1083.
35. Cfr *Catecismo da Igreja Católica*, 1149.
36. «Por causa do homem a criação ficou sujeita à “servidão da corrupção” (Rm 8, 20)»: *ibid.*, 400.
37. Rm 8, 19-22.
38. Cfr *Catecismo da Igreja Católica*, 1047.
39. E neste sentido o Catecismo afirma, a propósito da Eucaristia: «(...) oferecemos ao Pai o que Ele próprio nos deu: os dons da criação, o pão e o vinho, transformados, pelo poder do Espírito Santo e pelas palavras de Cristo, no corpo e no sangue do mesmo Cristo (...): *ibid.*, 1357.
40. «Se noi siamo “già” tutti in Cristo, egli “non ancora” è tutti in tutti; se tutto sussiste in lui, questo mondo è tuttora in potere del Maligno»: J. CORBON, *Liturgia alla sorgente*, Roma 1983, p. 121.
41. Cfr *Catecismo da Igreja Católica*, 1149.

42. «Recapitulados em Cristo, tomam parte no serviço do louvor de Deus e na realização do seu designio: os Poderes celestes (cfr Ap 4-5; Is 6, 2-3), toda a criação (os quatro viventes), os servidores da Antiga e da Nova Aliança (os vinte e quatro anciãos), o novo Povo de Deus (os cento e quarenta e quatro mil, cfr Ap 7, 1-8; 14, 1), em particular os mártires “deglodados por causa da palavra de Deus” (Ap 6, 9-11), e a santíssima Mãe de Deus (a Mulher, cfr Ap 12, a Esposa do Cordeiro, cfr Ap 21, 9), enfim, “uma numerosa multidão que ninguém podia contar e provinda de todas as nações, raças, povos e línguas (Ap 7, 9)»: *Catecismo da Igreja Católica*, 1138.
43. *Ibid.*, 1152.
44. Cfr Rm 8, 19.
45. Cfr Ap 7, 9.
46. Cfr Sb 13, 1; Rm 1, 19-20; Act 14, 17; *Catecismo da Igreja Católica*, 1146-1147.
47. Cfr Jo 3, 16; 1Jo 4, 9; Rom 8, 15-39; J. LÓPEZ, *La liturgia de la Iglesia*, Madrid 1994, p. 25.
48. Neste sentido a Comissão Teológica Internacional afirma: «El fundamento doctrinal de la inculturación se encuentra, en primer lugar, en la diversidad y multitud de los seres creados que proviene de la intención de Dios creador, deseo de que esta multitud diversificada ilustre más los innumerables aspectos de su bondad»: COMISIÓN TEOLÓGICA INTERNACIONAL, *Temas selectos de eclesiología (1984)*, em «Comisión Teológica Internacional: Documentos (1969-1996)» C. POZO (ed.), Madrid 1998, p. 344.
49. Cfr *ibid.*, pp. 25s.
50. *Catecismo da Igreja Católica*, 1088.
51. Cfr J. LÓPEZ, *La liturgia de la Iglesia*, Madrid 1994, p. 26.
52. Cfr *Catecismo da Igreja Católica*, 1090.
53. Gal 4, 4.
54. Cfr AG 10.
55. Cfr GS 22; Cfr CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, Instrução *Varietates Legitimae* (25.I.94), 10: AAS 87 (1995) 290.
56. Cfr A. TRIACCA, *Principi-fondamenti teologico-liturgici emergenti dalla «IV Istruzione»*, «Rivista Liturgica» 82 (1995) 404; CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, Instrução *Varietates Legitimae* (25.I.94), 11: AAS 87 (1995) 291.
57. Col 1, 15.
58. JOÃO PAULO II, Enc. *Dominum et vivificantem* (18.V.86), 50: AAS 78 (1986) 871.
59. «Na verdade, quando as culturas estão profundamente radicadas na natureza humana, contém em si mesmas o testemunho da abertura, própria do homem, ao universal e à transcendência» (...) «cada cultura traz gravada em si mesma e deixa transparecer a tensão para uma plenitude. Pode-se, portanto, dizer que a cultura contém em si própria a possibilidade de acolher a revelação divina»: JOÃO PAULO II, Enc. *Fides et Ratio* (14.IX.98), 70-71: AAS 91 (1999) 59s.
60. Cfr *Catecismo da Igreja Católica*, 1090.
61. Cfr GS 22.
62. Isto será assim se temos em conta as palavras do Concílio: «O próprio Filho de Deus se uniu em certo modo com cada homem pela sua encarnação»: GS 22.
63. Cfr CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, Instrução *Varietates Legitimae* (25.I.94), 26: AAS 87 (1995) 298.
64. Cfr JOÃO PAULO II, *Discurso aos bispos da Região Nordeste-3 de Brasil, em visita «ad limina»* (29.IX.95), «Insegnamenti» 18, 2 (1995) 668s.
65. Cfr *Catecismo da Igreja Católica*, 1066.

66. «Suivant les opinions d'Irénée, de Grégoire de Nysse et de Grégoire de Nazianze, tout ce que l'on peut savoir de Dieu est qu'Il est, exist, et qu'Il s'est révélé dans l'histoire du salut comme: Père, Fils, Esprit Saint.
Ce sentiment de l'indicible réalité divine se reflète dans les différentes traditions liturgiques à travers les célébrations, où le sens du mystère est si fortement accentué qu'on peut dire qu'il existe des liturgies qui, comparées entre elles, se distinguent en tant que liturgies du mystère, du mystère silencieux, du mystère indicible des Trois Personnes Divines»: A. TRIACCA, *Inculturation et liturgie: événements de l'Esprit Saint*, em *Liturgie et cultures*, A. TRIACCA-A. PISTOIA (ed.), Paris 1997, p. 204.
67. Cfr *ibid.*
68. Cfr JOÃO PAULO II, Enc. *Catechesi Tradendae* (16.X.79) 53: AAS 71 (1979) 1319; Enc. *Slavorum Apostoli* (2.VI.85), 21: AAS 77 (1985), 802 s; Enc. *Redemptoris Missio* (7.XII.90), 52: AAS 83 (1991) 299; Exort. Ap. *Ecclesia in Africa* (14.IX.95), 60: AAS 88 (1996) 37; Exort. Ap. *Ecclesia in Asia* (6.XI.99), 21: AAS 92 (2000) 482; Exort. Ap. *Ecclesia in Oceania* (22.XI.01), 16: DC 48 (2001) 1083.
69. Jo 3, 16.
70. Gal 4, 4.
71. JOÃO PAULO II, Exort. Ap. *Ecclesia in Oceania* (22.XI.01), 16: DC 48 (2001) 1083.
72. Jo 1, 14.
73. JOÃO PAULO II, Exort. Ap. *Ecclesia in Africa* (14.IX.95), 60: AAS 88 (1996) 37.
74. Cfr JOÃO PAULO II, Enc. *Slavorum Apostoli* (2.VI.85), 21: AAS 77 (1985) 802s.
75. A própria razão da escolha do termo inculturação (e a rejeição do de adaptação) deve-se a que este termo sublinha este duplo movimento fecundo e fecundante: tanto a penetração do Evangelho num dado ambiente sociocultural como a assimilação, por parte da Igreja, das qualidades do espírito e os dotes de cada povo no caso de serem compatíveis com o Evangelho. Cfr A. TRIACCA, *Principi-fondamenti teologico-liturgici emergenti dalla «IV Istruzione»*, «Rivista Liturgica» 82 (1995) 403.
76. Cfr Rm 8, 34; Ef 1, 20; Heb 1, 3.
77. «Il en s'agit pas d'un processus de sacralization mais de sanctification. Les deux niveaux sont différents, non pas en raison de la "quantitas" mais de la "qualitas"»: A. TRIACCA, *Inculturation et liturgie: événements de l'Esprit Saint*, em *Liturgie et cultures*, A. TRIACCA-A. PISTOIA (ed.), Paris 1997, p. 200.
78. Cfr A. TRIACCA, *Principi-fondamenti teologico-liturgici emergenti dalla «IV Istruzione»*, «Rivista Liturgica» 82 (1995) 404.
79. Cfr Heb 2, 14.
80. Cfr CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, Instrução *Varietates Legitimae* (25.I.94), 11: AAS 87 (1995) 291.
81. Cfr *ibid.*, 10.
82. Cfr Ef 3, 6.
83. Cfr CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, Instrução *Varietates Legitimae* (25.I.94), 14: AAS 87 (1995) 291.
84. JOÃO PAULO II, Exort. Ap. *Ecclesia in Oceania* (22.XI.01), 16: DC 48 (2001) 1083.
85. «Precisamente como o Filho de Deus se fez carne excepto no pecado (cfr Heb 4, 15), assim a fé cristã acolhe e fomenta tudo aquilo que é autenticamente humano e rejeita o pecaminoso. O processo de inculturação implica o Evangelho e a cultura num diálogo que inclui a identificação do que é e do que não é de Cristo»: *ibid.*
86. A. TRIACCA, *Principi-fondamenti teologico-liturgici emergenti dalla «IV Istruzione»*, «Rivista Liturgica» 82 (1995) 405.

87. Cfr *ibid.*, p. 405.
88. JOÃO PAULO II, *Carta pela qual se institui o Conselho Pontifício para a Cultura* (20.V.82): AAS 74 (1982) 685.
89. Cfr A. TRIACCA, *Inculturation et liturgie: événements de l'Esprit Saint*, em *Liturgie et cultures*, A. TRIACCA-A. PISTOIA (ed.), Paris 1997, p. 201.
90. «Dada a estreita e orgânica relação que existe entre Jesus Cristo e a palavra que a Igreja anuncia, a inculturação da mensagem revelada não poderá deixar de seguir a “lógica” própria do mistério da Redenção. Com efeito, a Encarnação do Verbo não constitui um momento isolado, mas tende para “a Hora” de Jesus e o mistério pascal: “Se o grão de trigo, caindo na terra não morrer, fica ele só; mas, se morrer, dá muito fruto” (Jo 12, 24). “Eu —disse Jesus— quando for levantado da terra, atrairei todos a Mim” (Jo 12, 32). Este auto-despojamento, esta *kenosi* que é necessária para a exaltação —itinerário de Jesus e de cada um dos seus discípulos (cfr Flp 2, 6-9)— é esclarecedora para o encontro das culturas com Cristo e o seu Evangelho. Cada cultura tem necessidade de ser transfigurada pelos valores do Evangelho à luz do mistério da Páscoa»: JOÃO PAULO II, Exort. Ap. *Ecclesia in Africa* (14.IX.95), 61: AAS 88 (1996) 38.
91. Cfr Heb 2, 14.
92. Cfr Jo 11, 52.
93. Cfr A. TRIACCA, *Principi-fondamenti teologico-liturgici emergenti dalla «IV Istruzione»*, «Rivista Liturgica» 82 (1995) 406.
94. Cfr Jo 12, 32.
95. Cfr Ef 2, 14-16.
96. Cfr 2Cor 5, 16-17.
97. Cfr CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, Instrução *Varietates Legitimae* (25.I.94), 11: AAS 87 (1995) 290.
98. Cfr Heb 10, 10.
99. Cfr Jo 4, 23-24.
100. Cfr Act 2, 1-11; 10, 44-48.
101. Cfr A. TRIACCA, *Principi-fondamenti teologico-liturgici emergenti dalla «IV Istruzione»*, «Rivista Liturgica» 82 (1995) 407; *Inculturation et liturgie: événements de l'Esprit Saint*, em *Liturgie et cultures*, A. TRIACCA-A. PISTOIA (ed.), Paris 1997, pp. 202s.
102. Cfr A. TRIACCA, *Principi-fondamenti teologico-liturgici emergenti dalla «IV Istruzione»*, «Rivista Liturgica» 82 (1995) 407
103. Cfr 2Cor 5, 16-17.
104. Cfr Heb 10, 10.
105. Cfr Jo 4, 23-24.
106. Cfr CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, Instrução *Varietates Legitimae* (25.I.94), 12: AAS 87 (1995) 290.
107. Cfr JOÃO PAULO II, Enc. *Fides et Ratio* (14.IX.98), 71: AAS 91 (1999) 60.
108. Cfr A. TRIACCA, *Principi-fondamenti teologico-liturgici emergenti dalla «IV Istruzione»*, «Rivista Liturgica» 82 (1995) 407.
109. Cfr A. TRIACCA, *Inculturation et liturgie: événements de l'Esprit Saint*, em *Liturgie et cultures*, A. TRIACCA-A. PISTOIA (ed.), Paris 1997, p. 203.
110. «Cada cultura necessita de ser purificada e transformada pelos valores revelados no mistério pascal de Cristo». Cfr JOÃO PAULO II, Exort. Ap. *Ecclesia in Oceania* (22.XI.01), 16: DC 48 (2001) 1083; *lettre au cardinal José Sanchez*, DC 91 (1994) 921.
111. Cfr JOÃO PAULO II, Exhort. Ap. *Ecclesia in America* (22.I.99), 70: AAS 91 (1999) 805.
112. Cfr JOÃO PAULO II, Exort. Ap. *Ecclesia in Africa* (14.IX.95), 61: AAS 88 (1996) 38.

113. Cfr LG 13; 17.
114. Cfr *Catecismo da Igreja Católica*, 1091.
115. Cfr Jo 7, 37-39; 19, 30. 34; Heb 2, 23.
116. Cfr Jo 4, 10; Heb 2, 33.
117. Cfr Is 32, 15; 44, 3; Ez 36, 26-27; 37, 14; Zac 12, 10.
118. Cfr Jo 1, 32-34; Lc 3, 21-22.
119. Cfr Lc 4, 1. 14-15. 18-19.
120. Cfr Heb 9, 14.
121. Cfr Jo 20, 21-23; Heb 2, 1-4. 33; 8, 14-17; 10, 44-48; 19, 1-8; J. LÓPEZ, *Liturgia, em El Dios cristiano. Diccionario Teológico*, X. PIKAZA-N. SILANES (ed.), Salamanca 1992, pp. 819s.
122. *Catecismo da Igreja Católica*, 1092.
123. Cfr LG 17; AG 3, 15; JOÃO PAULO II, Enc. *Redemptoris Missio* (7.XII.90), 28: AAS 83 (1991) 274.
124. LG 16.
125. «L'Esprit Saint, qui fut actif dans le mystère pascal de Jésus Christ, est également actif dans la "kenosis" de l'annonce de l'Évangile, du *depositum fidei*, de la liturgie, quand ils passent dans la culture qui les assimile. Bien plus, l'Esprit Saint donne la vocation aux différents peuples, comme el la donne à chaque personne (...): A. TRIACCA, *Inculturation et liturgie: événements de l'Esprit Saint*, em *Liturgie et cultures*, A. TRIACCA-A. PISTOIA (ed.), Paris 1997, pp. 217s.
126. Cfr JOÃO PAULO II, Enc. *Redemptoris Missio* (7.XII.90), 36: AAS 83 (1991) 281.
127. Cfr *ibid.*
128. A. TRIACCA, *Inculturation et liturgie: événements de l'Esprit Saint*, em *Liturgie et cultures*, A. TRIACCA-A. PISTOIA (ed.), Paris 1997, p. 217.
129. Por isso se diz que a liturgia é «geradora e formadora de culturas»: *Catecismo da Igreja Católica*, 1207.
130. Cfr A. TRIACCA, *Inculturation et liturgie: événements de l'Esprit Saint*, em *Liturgie et cultures*, A. TRIACCA-A. PISTOIA (ed.), Paris 1997, p. 217.
131. *Catecismo da Igreja Católica*, 1112.
132. *Ibid.*, 1098.
133. Cfr *ibid.*
134. *Catecismo da Igreja Católica*, 1101.
135. Cfr A. TRIACCA, *Inculturation et liturgie: événements de l'Esprit Saint*, em *Liturgie et cultures*, A. TRIACCA-A. PISTOIA (ed.), Paris 1997, p. 218.
136. Cfr *ibid.*, p. 220. Neste sentido afirma o Papa João Paulo II: «Transformadas pelo Espírito de Cristo, estas culturas alcançam aquela plenitude de vida para a qual sempre apontaram os seus valores mais profundos e pela qual sempre ansiou o seu povo. Sem Cristo, de facto, não há cultura humana que possa tornar-se naquilo que é verdadeiramente»: JOÃO PAULO II, Exort. Ap. *Ecclesia in Oceania* (22.XI.01), 16: DC 48 (2001) 1083.
137. Cfr A. TRIACCA, *Inculturation et liturgie: événements de l'Esprit Saint*, em *Liturgie et cultures*, A. TRIACCA-A. PISTOIA (ed.), Paris 1997, p. 218.
138. *Catecismo da Igreja Católica*, 485; Cfr, Jo 16, 14-15.
139. *Ibid.*, 727.
140. Cfr *ibid.*, 1099.
141. *Ibid.*, 1104.
142. Cfr *ibid.*, 1107.
143. Cfr A. TRIACCA, *Inculturation et liturgie: événements de l'Esprit Saint*, em *Liturgie et cultures*, A. TRIACCA-A. PISTOIA (ed.), Paris 1997, p. 218.

144. *Catecismo da Igreja Católica*, 1108.
145. Cfr *ibid.*, 690.
146. Cfr *ibid.*, 1104.
147. Cfr *ibid.*, 1077-1112.
148. Cfr *Catecismo da Igreja Católica*, 1092, 1107.
149. Daí o título do artigo 1, do capítulo primeiro, da segunda parte, do *Catecismo da Igreja Católica*: «A Liturgia-obra da Santíssima Trindade».
150. «C'est l'Esprit Saint qui "pro-met" son assistance à celui qui s'approche du "depositum fidei", pour qu'il puisse être fidèle à Dieu, sans autant devoir cesser d'être fidèle à sa propre culture»: A. TRIACCA, *Inculturation et liturgie: événements de l'Esprit Saint*, em *Liturgie et cultures*, A. TRIACCA-A. PISTOIA (ed.), Paris 1997, p. 220.
151. Cfr SC 11, 14, 21.
152. Cfr *Catecismo da Igreja Católica*, 1112.
153. «O Espírito Santo é como que a seiva da Videira do Pai que dá fruto nos sarmentos»: *ibid.*, 1108.
154. *Ibid.*, 1108.
155. Cfr SC 21.
156. *Catecismo da Igreja Católica*, 1101.
157. Cfr *ibid.*, 1149.
158. «C'est toujours l'Esprit Saint qui dans le processus d'inculturation de la liturgie vivifie l'anamnesis liturgique. Il est l'âme de la participation à la célébration. Il est la force des dynamismes propres de la liturgie. "Force-dynamis" qui transforme en purifiant, et purifie en transformant en unitariété, en unification, en unité chacune des cultures, tout en les laissant dans la pluralité de leurs manifestations»: A. TRIACCA, *Inculturation et liturgie: événements de l'Esprit Saint*, em *Liturgie et cultures*, A. TRIACCA-A. PISTOIA (ed.), Paris 1997, p. 219.
159. SANTO IRENEU DE LYON, *Adversus haereses*, 3, 24, 1, em *Catecismo da Igreja Católica*, 175.
160. «Daí o adágio antigo: "Lex orandi, lex credendi" – A lei da oração é a lei da fé" (...). A Igreja crê conforme reza. A liturgia é um elemento constitutivo da Tradição santa e viva»: *ibid.*, 1124.
161. Cfr A. TRIACCA, *Inculturation et liturgie: événements de l'Esprit Saint*, em *Liturgie et cultures*, A. TRIACCA-A. PISTOIA (ed.), Paris 1997, p. 218.
162. Cfr *ibid.*
163. Cfr *Catecismo da Igreja Católica*, 1197, 1265.
164. Cfr A. TRIACCA, *Inculturation et liturgie: événements de l'Esprit Saint*, em *Liturgie et cultures*, A. TRIACCA-A. PISTOIA (ed.), Paris 1997, p. 218.
165. CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, Instrução *Varietates Legitimae* (25.I.94), 20: AAS 87 (1995) 292.
166. Cfr A. TRIACCA, *Principi-fondamenti teologico-liturgici emergenti dalla «IV Istruzione»*, «Rivista Liturgica» 82 (1995) 408.
167. Cfr Act 10, 44-48.
168. «Graças à efusão e à acção do Espírito que unifica dons e talentos, todos os povos da terra, ao entrarem na Igreja, vivem um novo Pentecostes, professam em sua língua a única fé em Jesus Cristo e proclamam as maravilhas que o Senhor neles operou. O Espírito, que já no plano natural é fonte originária da sabedoria dos povos, guia com uma iluminação sobrenatural a Igreja para o conhecimento da Verdade total»: JOÃO PAULO II, Exort. Ap. *Ecclesia in Africa* (14.IX.95), 61: AAS 88 (1996) 38.
169. CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, Instrução *Varietates Legitimae* (25.I.94), 16: AAS 87 (1995) 291.

170. Cfr A. TRIACCA, *Principi-fondamenti teologico-liturgici emergenti dalla «IV Istruzione»*, «Rivista Liturgica» 82 (1995) 409. A este respeito afirma Jean Corbon: «L'inventività è pure una Energia dello Spirito nel cuore della chiesa, ed è autentica da quando la pietra di paragone è il Mistero di Cristo»: J. CORBON, *Liturgia alla sorgente*, Roma 1983, p. 113.
171. *Ibid.* Ao procurar encarnar o Evangelho nas diversas culturas, aquele que é o verdadeiro evangelizador deve ajudar no desenvolvimento dessas culturas nas quais é implantado como semente de uma árvore frondosa. Aqui a acção do Espírito Santo representa um papel de unificação e de ligação entre o respeito e a veneração pela Palavra de Deus e a estima pelo legado das diferentes culturas particulares.
172. Cfr SC 2; JOÃO PAULO II, Carta Ap. *Vicesimus Quintus Annus* (4.XII.88), 9: AAS 81 (1989) 905s.
173. Cfr A. TRIACCA, *Inculturation et liturgie: événements de l'Esprit Saint*, em *Liturgie et cultures*, A. TRIACCA-A. PISTOIA (ed.), Paris 1997, p. 209.
174. JOÃO PAULO II, Carta Ap. *Vicesimus Quintus Annus* (4.XII.88), 7: AAS 81 (1989) 903s.
175. Cfr *Catecismo da Igreja Católica*, 1097.
176. Cfr SC 5-7.
177. Cfr J. CORBON, *Liturgia alla sorgente*, Roma 1983, p. 66.
178. Cfr A. TRIACCA, *Inculturation et liturgie: événements de l'Esprit Saint*, em *Liturgie et cultures*, A. TRIACCA-A. PISTOIA (ed.), Paris 1997, p. 209.
179. Cfr CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, Instrução *Varietates Legitimae* (25.I.94), 9: AAS 87 (1995) 289.
180. Cfr F. BRAMBILLA, *Ermeneutica teologica dell'adattamento liturgico*, em *Liturgia e adattamento*, ASSOCIAZIONE PROFESSORI DI LITURGIA, Roma 1990, p. 56.
181. Cfr SC 7.
182. Cfr CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, Instrução *Varietates Legitimae* (25.I.94), 16: AAS 87 (1995) 293.
183. *Ibid.*, 17.
184. Cfr LG 13, 17.
185. Cfr A. TRIACCA, *Principi-fondamenti teologico-liturgici emergenti dalla «IV Istruzione»*, «Rivista Liturgica» 82 (1995) 411.
186. Cfr 1Pe 2, 9-10.
187. Cfr A. TRIACCA, *Inculturation et liturgie: événements de l'Esprit Saint*, em *Liturgie et cultures*, A. TRIACCA-A. PISTOIA (ed.), Paris 1997, p. 207.
188. Cfr *Catecismo da Igreja Católica*, 1200. As diferentes tradições litúrgicas de forma natural começam por apreciar o património indiviso da Igreja universal, revelado por Deus, e procuram conservá-lo e engrandecê-lo dentro da vida das diversas Igrejas com as suas tradições litúrgicas diferentes: Cfr A. TRIACCA, *Inculturation et liturgie: événements de l'Esprit Saint*, em *Liturgie et cultures*, A. TRIACCA-A. PISTOIA (ed.), Paris 1997, p. 207.
189. Cfr JOÃO PAULO II, Enc. *Redemptoris Missio* (7.XII.90), 52: AAS 83 (1991) 300.
190. Cfr A. TRIACCA, *Inculturation et liturgie: événements de l'Esprit Saint*, em *Liturgie et cultures*, A. TRIACCA-A. PISTOIA (ed.), Paris 1997, p. 207.
191. Cfr Heb 13, 2.
192. Cfr A. TRIACCA, *Inculturation et liturgie: événements de l'Esprit Saint*, em *Liturgie et cultures*, A. TRIACCA-A. PISTOIA (ed.), Paris 1997, p. 207.
193. Cfr *ibid.*
194. Cfr *Catecismo da Igreja Católica*, 1204.
195. Cfr *ibid.*, 1202.

-
196. Referimo-nos por exemplo a Brambilla. Neste caso o autor fala de adaptação e não de inculturação: «L'adattamento liturgico dovrà essere visto come un momento determinato di quel più ampio con cui l'evangelo è annunciato a tutti gli uomini»: F. BRAMBILLA, *Ermeneutica teologica dell'adattamento liturgico*, em *Liturgia e adattamento*, ASSOCIAZIONE PROFESSORI DI LITURGIA, Roma 1990, p. 56.
197. Cfr A. TRIACCA, *Principi-fondamenti teologico-liturgici emergenti dalla «IV Istruzione»*, «Rivista Liturgica» 82 (1995) 415.
198. JOÃO PAULO II, Enc. *Redemptoris Missio* (7.XII.90), 52: AAS 83 (1991) 299; Cfr Exort. Ap. *Ecclesia in Asia* (6.XI.99), 21: AAS 92 (2000) 482.
199. Cfr *Catecismo da Igreja Católica*, 75-79.
200. Cfr A. TRIACCA, *Inculturation et liturgie: événements de l'Esprit Saint*, em *Liturgie et cultures*, A. TRIACCA-A. PISTOIA (ed.), Paris 1997, p. 209.
201. «C'est l'Eglise "una, sancta, catholica, apostolica" qui détient la capacité d'exprimer en toute culture les différentes formes de célébration sans produire d'alterations de l'identité de la liturgie. Cela signifie que l'inculturation trouve dans l'Eglise, avec ses deux caractéristiques "foi et tradition", la *mater* et *magister* qui met l'inculturation sur les rails de la véracité et sur les rampes de lancement de l'avenir de la liturgie»: *ibid.*

ÍNDICE DO EXCERPTUM

APRESENTAÇÃO	433
ÍNDICE DA TESE	435
BIBLIOGRAFIA DA TESE	441
A LITURGIA E O MISTÉRIO CRISTÃO	449
1. DEUS PAI CRIADOR, FONTE DE TODA A LITURGIA	449
1.1. A Criação como fundamento de toda a cultura e a liturgia como resposta cultural à chamada do Pai	449
1.2. O pecado original: a cultura não é uma realidade neutra	452
1.3. A antecipação da «espera ansiosa da criação»	453
2. A ENCARNAÇÃO DO VERBO, LUZ QUE ORIENTA A INCULTURAÇÃO LITÚRGICA	454
2.1. A presença de Cristo na liturgia	454
2.2. As diversas formas de reflectir o «Mistério» nas diferentes tradi- ções litúrgicas	457
2.3. Partir do mistério da Encarnação para compreender o pro- cesso de inculturação litúrgica	458
2.4. Posta em prática da inculturação litúrgica: à luz do Mistério Pascal	460
2.4.1. Morte e Ressureição: chamada à unidade	460
2.4.2. Unidade, não uniformidade litúrgica	461
2.4.3. Redenção e purificação das culturas	461
3. ACÇÃO DO ESPÍRITO SANTO NA LITURGIA E O SEU PAPEL PRIMOR- DIAL NA INCULTURAÇÃO	462
3.1. Presença do Espírito Santo nas culturas e na liturgia	463
3.2. O Espírito Santo na celebração litúrgica	464
3.3. Salvaguarda da Tradição litúrgica	468
3.4. Discernimento das realidades a introduzir na celebração e princípio do progresso gradual	469
4. A IGREJA, LUGAR DO EQUILÍBRIO ENTRE A FIDELIDADE À FÉ E A FIDE- LIDADE À CULTURA	470

4.1. Prolongação do Mistério de Cristo ao longo da história por intermédio da Igreja	471
4.2. A vida da Igreja como tradição em acto: lugar de discernimento para salvaguardar o essencial	472
4.3. Missão da Igreja e inculturação litúrgica	473
4.4. O equilíbrio da Tradição: abertura à inovação (rejeitando o passageiro e efémero) e fidelidade ao essencial da fé	474
NOTAS	475
ÍNDICE DO EXCERPTUM	485